

DM

Relações de Intimidade na Adolescência
Estudo exploratório sobre traços de personalidade,
atitudes face à violência e sua prevalência

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

João Sancho Sousa Rosário

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA, DA SAÚDE E BEM-ESTAR



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

Janeiro | 2025

Relações de Intimidade na Adolescência
Estudo exploratório sobre traços de personalidade,
atitudes face à violência e sua prevalência

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

João Sancho Sousa Rosário

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA, DA SAÚDE E BEM-ESTAR

ORIENTAÇÃO

Alda Patrícia Marques Portugal

COORIENTAÇÃO

Sónia Maria Martins Caridade

“The purpose of psychology is to give us a completely different idea of the things we know best”

Paul Valéry

Agradecimentos

A realização deste trabalho reflete não apenas o esforço individual, mas também a força de uma rede de apoio que, de forma visível ou discreta, contribuiu para que esta etapa fosse cumprida. Assim como numa consulta psicológica, em que cada relação deixa um impacto único e transformador, este percurso foi enriquecido e moldado pelas significativas contribuições e interações estabelecidas com inúmeras pessoas. Este espaço é dedicado a reconhecer e agradecer a tod@s que, com palavras, ações ou simplesmente pela sua presença, tornaram possível a concretização desta dissertação. De modo particular, deixo um especial agradecimento:

À minha orientadora, Prof.^a Doutora Alda, a quem manifesto a mais profunda gratidão pela orientação exemplar e pelos ensinamentos valiosos que têm iluminado o meu caminho ao longo desta jornada. Desde que nos cruzámos há 9 anos, a sua dedicação ao meu crescimento académico e profissional, aliada à sua paciência, compaixão e apoio inabalável, revelou-se inestimável. Se pudesse escolher novamente, não hesitaria em confiar-lhe a orientação deste percurso, pois foi não só uma mentora, mas também uma presença firme e sensível nos momentos mais desafiadores, marcando de forma indelével esta etapa da minha vida.

À minha coorientadora, Prof.^a Doutora Sónia, pelos valiosos contributos na prossecução deste projeto. Pela sua experiência e especialização na temática abordada, foi uma honra poder beber um pouco do seu conhecimento. Muito grato pela oportunidade de aprender consigo.

À Dr.^a Carla, que mesmo após o término do meu estágio continuou a me apoiar neste projeto e mostrou-se sempre disponível para me fornecer suporte e orientação. Poder construir uma relação tão multifacetada que engloba tanto a orientação e supervisão, quanto o cuidado e suporte emocional foi uma honra e privilégio.

Ao Dr. Gonçalo, Dr. Valério e toda a equipa da D.R.E., muito obrigado por me apoiarem e tornarem possível a realização deste estudo.

À Professora Anabela e restante Direção Executiva da Escola do Carmo, muito obrigado pela vossa disponibilidade e abertura no acolhimento deste projeto, assim como o vosso valioso apoio logístico que foi determinante para a implementação do estudo junto dos pais e alunos.

Ao Dr. Carlos, à Dr.^a Orlandina, à Dr.^a Sílvia Brazão, à Dr.^a Sílvia Freitas, à Dr.^a Maria das Neves, às Enfermeiras Gorete, Clara e restante equipa de enfermagem, bem como às

senhoras administrativas e auxiliares, nomeadamente, Lúgia, Teresa, Clara, Gabriela e toda a equipa do Centro de Saúde do Bom Jesus e demais profissionais do SESARAM, muito obrigado por terem sido sempre tão solícitos e atenciosos na forma como me trataram e na forma como contribuíram para que esta dissertação fosse avante.

À Prof.^a Doutora Luísa e à Prof.^a Doutora Dora, por me terem dado a oportunidade única de ingressar na primeira edição do Mestrado em Psicologia Clínica, da Saúde e do Bem-Estar da Universidade da Madeira.

Ao restante corpo docente da Universidade da Madeira com quem tive o privilégio de aprender e privar, designadamente, Prof. Doutor Nuno, Prof.^a Doutora Margarida Pocinho, Prof.^a Doutora Ana Lúcia, Prof.^a Doutora Soraia, Prof.^a Doutora Lúcia Miranda, Prof. Doutor Joaquim, Prof.^a Doutora Cristina e todos os outros que contribuíram para a minha passagem nesta casa.

Às minhas colegas e amigas de curso: grande Eduarda, grande Catarina e grande Sara, pessoas com quem construí uma forte união e que foram um enorme apoio na realização deste trabalho e no suporte afetivo, principalmente, nos momentos mais espinhosos.

À Laurinha, Sofia, Carla, meu afilhado Tiago e ao meu padrinho David, muito obrigado pelo vosso apoio no desenvolvimento deste projeto. Sem a vossa colaboração, não seria possível esta dissertação.

Aos jovens participantes, muito obrigado pelo vosso contributo. A dispensa, sem qualquer gratificação, do vosso tempo pessoal, reflexão e exposição da vossa intimidade foram de valor inestimável.

Aos meus amigos de longa data: Frias, Marcelo, Élio e Caires, que desde sempre demonstraram um grande apoio, espírito de camaradagem e de ótimos momentos de descontração.

Aos meus queridos amigos João José e ao lindo casal Rúben Kanuco e Joana, que foram fundamentais não só na análise metodológica, mas também no carinho e cuidado com que me trataram durante os períodos tenebrosos.

Aos amigos maravilhosos que ganhei na sagrada academia, nomeadamente, o José Alberto e o Paulo Fernandes, que contribuíram para o meu desenvolvimento académico, mas também para o meu desenvolvimento pessoal, favorecendo reflexões diferenciadas e conquista

de novos *insights* que permitiram uma reconstrução mais saudável e mais equilibrada de mim mesmo.

Aos meus familiares, especialmente, à minha avó e irmã que, desde cedo, foram o meu baluarte e que muita estima e orgulho sempre em mim depositaram. São o elo constante neste longo percurso e, sem elas, muito provavelmente, este trabalho não existiria.

À minha namorada, Natércia, que me tem proporcionado os momentos mais alegres e ternurentos, mas também por estar sempre disponível para me apoiar na realização dos meus projetos. Contigo aprendo e experiencio o melhor significado do que é o amor.

Por último, à minha mãe. Sei o quanto te orgulharias ao ver esta dissertação concluída. Que o teu amor e presença continue a marcar encontro comigo na estrutura espaço-tempo que designo de memória.

Resumo

A violência no namoro é reconhecida como prioridade global de investigação e intervenção. Estima-se que afeta cerca de 1/3 dos adolescentes, embora dados recentes apontem para uma prevalência superior. As consequências são amplas e incluem impactos académicos, emocionais e comportamentais. Embora as atitudes legitimadoras de violência no namoro e os traços de personalidade sejam considerados fatores de risco, a sua relação com este fenómeno permanece pouco explorada. Este estudo visa aprofundar a prevalência de violência no namoro entre adolescentes e investigar as relações entre atitudes legitimadoras, traços neuroticismo e amabilidade e a própria violência no namoro. Participaram 410 adolescentes entre os 14 e 19 anos ($M = 17.18$, $DP = 1.39$), recrutados pelo método de *bola de neve*. O protocolo de investigação utiliza um questionário sociodemográfico, o Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes versão breve (CADRI-S), a Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro (EAVN) e o Mini International Personality Item Pool (Mini-IPIP). Os resultados obtidos revelam uma prevalência de quase 60% em ambas as direções da violência, sendo a forma mais comum a verbal/emocional. Observou-se maior perpetração de violência relacional e sexual entre rapazes e verbal/emocional entre raparigas. Jovens da adolescência média e rapazes apresentaram atitudes mais legitimadoras. Houve evidência de bidirecionalidade entre perpetração e vitimização. Neuroticismo e amabilidade associaram-se à perpetração, mas apenas o neuroticismo associou-se com significância à vitimização. Constatou-se maior poder preditivo das atitudes, após o controlo dos traços. O estudo contribui com implicações práticas e fornece pistas para investigação futura.

Palavras-chave: Violência no Namoro; Atitudes Legitimadoras de Violência no Namoro Física e Psicológica; Neuroticismo; Amabilidade; Adolescentes

Abstract

Dating violence is recognized as a global priority for research and intervention. It is estimated that it affects approximately 1/3 of adolescents, although recent data indicate a higher prevalence. The consequences are broad and include academic, emotional and behavioral impacts. Although attitudes that legitimize dating violence and personality traits are considered risk factors, their relationship with this phenomenon remains little explored. This study aims to deepen the prevalence of dating violence among adolescents and investigate the relationships between legitimizing attitudes, neuroticism and agreeableness traits and dating violence itself. A total of 410 adolescents aged 14 to 19 ($M = 17.18$, $SD = 1.39$) participated, recruited using the *snowball* method. The research protocol uses a sociodemographic questionnaire, the Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory Short-Form (CADRI-S), the Attitudes Toward Dating Violence Scale (EAVN) and the Mini International Personality Item Pool (Mini-IPIP). The results obtained reveal a prevalence of almost 60% in both directions of violence, with the most common form being verbal/emotional. There was a greater perpetration of relational and sexual violence among boys and verbal/emotional violence among girls. Young people in middle adolescence and boys presented more legitimizing attitudes. There was evidence of bidirectionality between perpetration and victimization. Neuroticism and agreeableness were associated with perpetration, but only neuroticism was significantly associated with victimization. A greater predictive power of attitudes was observed, after controlling for traits. The study contributes with practical implications and provides clues for future research.

Keywords: Dating Violence; Legitimizing Attitudes of Physical and Psychological Dating Violence; Neuroticism; Agreeableness; Adolescents

Índice

| | |
|---|-----------|
| Índice..... | vii |
| Lista de tabelas..... | ix |
| Lista de anexos..... | x |
| Lista de siglas e abreviaturas | xi |
| Introdução | 1 |
| Parte I – Enquadramento Teórico..... | 3 |
| Adolescência..... | 4 |
| Definição e características..... | 4 |
| Especificidades e desafios do desenvolvimento na adolescência | 5 |
| Desenvolvimento da personalidade na adolescência: Traços e atitudes | 6 |
| Relações românticas na adolescência..... | 9 |
| Definição e características das relações românticas | 9 |
| Violência no namoro..... | 10 |
| Dados de prevalência | 12 |
| Fatores de risco..... | 14 |
| Consequências | 18 |
| O presente estudo | 18 |
| Objetivos de investigação..... | 19 |
| Parte II – Metodologia..... | 21 |
| Amostra | 22 |
| Instrumentos..... | 23 |
| Procedimentos | 25 |
| Recolha de dados..... | 25 |
| Análise de dados..... | 26 |
| Parte III – Resultados..... | 29 |
| Parte IV – Discussão | 41 |

| | |
|---|-----------|
| Limitações | 48 |
| Implicações práticas..... | 49 |
| Parte V – Conclusões e Investigação Futura | 51 |
| Referências..... | 54 |
| Anexos | 65 |

Lista de tabelas

| | |
|--|----|
| <u>Tabela 1: Caracterização sociodemográfica da amostra</u> | 22 |
| <u>Tabela 2: Estatísticas descritivas da prevalência de violência no namoro por tipo e direção</u> . | 30 |
| <u>Tabela 3: Estatísticas descritivas das atitudes legitimadoras de violência no namoro</u> | 31 |
| <u>Tabela 4: Comparação de médias dos tipos e da direção da violência no namoro entre jovens da adolescência média e tardia</u> | 32 |
| <u>Tabela 5: Comparação de médias das atitudes legitimadoras de violência psicológica e física no namoro em função dos grupos da adolescência média e da adolescência tardia</u> | 33 |
| <u>Tabela 6: Comparação de médias dos tipos e direção da violência no namoro em função dos géneros masculino e feminino</u> | 35 |
| <u>Tabela 7: Comparação de médias das atitudes legitimadoras de violência psicológica e física no namoro em função dos géneros masculino e feminino</u> | 36 |
| <u>Tabela 8: Correlações entre a violência no namoro, atitudes legitimadoras de violência no namoro e traços neuroticismo e amabilidade</u> | 38 |
| <u>Tabela 9: Resumo do modelo hierárquico de regressão múltipla para a perpetração de violência no namoro com as variáveis predictoras atitudes legitimadora de violência psicológica e física e traços neuroticismo e amabilidade</u> | 40 |
| <u>Tabela 10: Coeficientes de regressão para o modelo hierárquico de predição de perpetração de violência no namoro</u> | 40 |

Lista de anexos

[Anexo A – Consentimento Informado: Versão Pais ou Representantes Legais](#) 66

[Anexo B – Consentimento Informado: Versão Participante ou Participante Menor](#) 69

Lista de siglas e abreviaturas

CDC – Centers for Disease Control and Prevention

D.R.E. – Direção Regional de Educação

GAM – Modelo Geral da Agressão

R.A.M. – Região Autónoma da Madeira

RCM – Resolução de Conselho de Ministros

SESARAM – Serviço Regional de Saúde da Região Autónoma da Madeira

SGMAI – Secretaria Geral do Ministério da Administração Interna

UMAR – Associação da União das Mulheres Alternativa e Resposta

WHO – World Health Organization

Introdução

A adolescência é uma etapa de profundas transformações físicas, cognitivas, emocionais e sociais que preparam o indivíduo para a vida adulta. O envolvimento em relações românticas é considerado uma tarefa de desenvolvimento de particular relevância durante este período. Estas relações, além de promoverem a partilha, intimidade e sexualidade (Tetzchner, 2023b), contribuem para o cumprimento de outras tarefas desenvolvimentais significativas, como a construção de identidade, o desenvolvimento sexual, maior autonomia e formação de relações íntimas (Avilés et al., 2021). Não obstante estes contributos, um desafio associado às relações românticas que tem sido alvo de crescente preocupação pela comunidade científica é a violência no namoro. Reconhecida como prioridade global de investigação e intervenção (Muñoz-Rivas et al., 2022), estima-se que cerca de 1/3 dos adolescentes experienciem alguma forma de violência no namoro (Exner-Cortens et al., 2021), ainda que recentemente, em Portugal, se tenha apurado que 63% dos adolescentes reportou já ter sido vítima de alguma forma de violência, quer psicológica, física ou sexual (Magalhães et al., 2024). As consequências desta problemática são amplas e incluem impactos académicos, emocionais e comportamentais, designadamente, baixo rendimento escolar, abuso de substâncias, baixa autoestima, perturbações de ansiedade e depressão e mesmo predição de violência em relações futuras (Piolanti et al., 2023; Taquette & Monteiro, 2019; Tomaszewska & Schuster, 2021; Yanez-Peñúñuri et al., 2023). Face à crescente prevalência e aos efeitos negativos associados, é imperativo aprofundar a prevalência de violência no namoro entre jovens adolescentes, bem como a exploração de fatores de risco que contribuem para a continuidade deste fenómeno. Entre os fatores de risco, considera-se a personalidade por se expressar em todas as interações de vida diária do ser humano, onde as relações íntimas são centrais. Ao integrar as dimensões disposicionais dos traços neuroticismo e amabilidade e sociocognitivas das atitudes legitimadoras de violência no namoro, este estudo procura explorar a relação de ambas as dimensões da personalidade com a violência no namoro adolescente. Para além de poder contribuir para uma relação pouco explorada na literatura, esta investigação permite o desenvolvimento de programas de prevenção com o intuito de promover comportamentos saudáveis de relacionamento e, ainda, favorece intervenções mais eficazes na mitigação da violência no namoro ao possibilitar a identificação precoce de sinais.

Esta dissertação está organizada em cinco partes. Na primeira parte, é apresentado o enquadramento teórico, com uma revisão da literatura sobre a conceptualização e o

desenvolvimento na adolescência, abordando as dimensões física, sociocognitiva e traços e atitudes da personalidade, bem como as relações românticas nesta etapa do ciclo vital. Como tarefa desenvolvimental, será explorado o papel das relações românticas, como se manifesta ao longo da adolescência, que benefícios e desafios têm sido associados. Entre os desafios, é destacada a violência no namoro, como é contextualizada em relação à violência doméstica, são apresentados alguns dados de prevalência internacionais e nacionais, fatores de risco e consequências associadas ao fenómeno. Depois, é apresentado o atual estudo e descrito os seus objetivos de investigação. A segunda parte concerne à metodologia utilizada, caracterização da amostra, descrição dos instrumentos de avaliação e dos procedimentos de recolha e análise de dados. Posteriormente, são apresentados os resultados e sua discussão à luz da revisão da literatura efetuada, além das limitações e implicações práticas. Por último, são descritas as principais conclusões deste estudo e propostas algumas recomendações para futuras investigações.

Parte I – Enquadramento Teórico

Adolescência

Definição e características

A adolescência é um período desenvolvimental que faz a transição entre a infância e a adultez (Arnett, 2013). É caracterizada por diferentes mudanças a vários níveis, nomeadamente, físico, cognitivo, emocional e social (Papalia et al., 2006). Este período do desenvolvimento é, também, uma construção cultural, na medida em que a sua duração e o conteúdo das experiências do dia-a-dia variam consoante a cultura onde estão inseridos os adolescentes (Arnett, 2013). Segundo Collins e colaboradores (2009), a adolescência é dividida em três fases: adolescência precoce (entre os 10 e 13 anos), adolescência média (entre os 14 e 17 anos) e adolescência tardia (depois dos 18 até ao início dos 20).

O desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários, que marca o início da puberdade, ocorre em virtude das grandes alterações hormonais desencadeadas pelo sistema endócrino que estimula uma maior produção de hormonas, libertadas na corrente sanguínea, que têm grande repercussão no crescimento, desenvolvimento e funcionamento do corpo humano (Moreno et al., 2023). Se na infância o crescimento ocorre num ritmo mais ou menos estável, na adolescência o crescimento ocorre de forma acentuada, pautado por um crescimento corporal acentuado, que leva não só ao desenvolvimento dos supramencionados caracteres sexuais secundários, através do crescimento dos pelos púbicos, pelos nas axilas, acne, crescimento do peito nas raparigas, crescimento do pelo facial nos rapazes, mas também à maturação dos caracteres sexuais primários, por meio, por exemplo, do crescimento dos ovários nas raparigas e dos testículos nos rapazes (Arnett, 2013).

O crescimento acentuado na adolescência é responsável pela promoção do desenvolvimento físico e sexual (Moreno et al., 2023) e, também, pelo desenvolvimento cognitivo através da maturação cerebral (Araújo et al., 2013). Este é o período em que, de acordo com Piaget (1972), os adolescentes entram no último estágio desenvolvimental cognitivo: o estágio das operações formais. Nesta fase, que começa sensivelmente entre os 10/13 anos e que vai até aos 15/20 anos, os adolescentes são capazes de pensar de forma lógica e abstrata, de formular hipóteses e testá-las sistematicamente. Em acréscimo, o pensamento torna-se mais complexo: conseguem utilizar o recurso da metacognição, isto é, a capacidade de pensar sobre o próprio pensamento (Piaget, 1972).

Esta capacidade de refletir e pensar de forma abstrata promove um nível mais elevado de autoconsciência, algo que não era possível em fases de desenvolvimento anteriores (Moreno

et al., 2023). Assim, contribui para o desenvolvimento de competências emocionais, como o raciocínio, a expressividade e a gestão e regulação das emoções, permitindo ao adolescente lidar melhor com os seus sentimentos. Para além disso, favorece a aquisição de competências sociais, como a capacidade de adotar a perspetiva do outro, incentivando a empatia e aprofundando as relações interpessoais (Kilford et al., 2016).

Especificidades e desafios do desenvolvimento na adolescência

O desenvolvimento normativo na adolescência envolve a busca de maior autonomia e independência face à família de origem, promovendo competências na tomada de decisão de forma autónoma e no estabelecimento de um propósito de vida dirigido por si próprio (Kilford et al., 2016). Esta procura por independência não implica rejeição ou afastamento dos cuidadores, mas, sim, um processo natural e essencial para o seu caminho de autodescoberta (Moreno et al., 2023). Durante este percurso, uma das características mais marcantes é a influência crescente do grupo de pares no processo de socialização (Papalia et al., 2006). Na verdade, enquanto na infância o convívio com os pares ocorre, sobretudo, na escola, na adolescência, verifica-se uma maior interação com os amigos/colegas, tanto no seio escolar como fora dele, em períodos pós-aulas, nos tempos livres, aos fins-de-semana, entre outros (Arnett, 2013). O desenvolvimento sociocognitivo facilita o aprofundamento da qualidade dos relacionamentos, permitindo aos adolescentes deslocarem o foco dos seus próprios interesses para a capacidade de adotar a perspetiva do outro. Este progresso é fundamental para o desenvolvimento da intimidade, um conceito central quer nas relações de amizade quer nas relações amorosas (Kilford et al., 2016). Assim, os adolescentes tendem a partilhar assuntos relacionados com a sua intimidade com os seus pares (Moreno et al., 2023) enquanto os pais ou cuidadores desempenham um papel crucial em matérias relacionadas com a educação e escolhas ocupacionais futuras dos adolescentes (Norris, 2020).

Comumente, a adolescência é rotulada como um período turbulento (Bowen & Walker, 2015). De facto, Ward e colaboradores (2021), ao analisarem as principais causas de morte em jovens dos 10 aos 24 anos, de 1950 e 2019, identificaram as lesões/ferimentos não intencionais, a violência interpessoal e comportamentos autolesivos como algumas das causas principais, ultrapassando as doenças transmissíveis e não transmissíveis.

Em comparação com estádios de desenvolvimento posteriores, os adolescentes podem apresentar um pensamento menos pragmático e um julgamento menos reflexivo. Neste sentido, o raciocínio pode ser tendencialmente lógico, e menos adaptado às constricções e exigências

práticas da vida real, além de o julgamento poder ser mais polarizado, caracterizado por uma visão mais dicotômica (Arnett, 2013; Gleitman et al., 2011; Moreno et al., 2023; Papalia et al., 2006). O processo de tomada de decisão não só é afetado por este perfil sociocognitivo (Blakemore & Mills, 2014), mas também pela necessidade de ser aceite pelos pares, pela experimentação da novidade e pela procura do prazer das sensações (Rothbart, 2011). Apesar de compreenderem os riscos, os adolescentes manifestam maior dificuldade em controlar o seu comportamento quando existe uma recompensa imediata envolvida (Somerville et al., 2010). Além desta vulnerabilidade, o aprofundamento da autoconsciência nesta fase está associado a oscilações de humor e menores níveis de autoestima do que os observados noutros estádios de desenvolvimento (Arnett, 2013). Com efeito, existe evidência (Andrade et al., 2018; Arain et al., 2013) que funções como autorregulação, flexibilidade cognitiva, julgamento e discernimento não atingem a maturidade plena antes dos 25 anos. Por isso, durante a adolescência, há uma maior ativação de estruturas subcorticais, responsáveis por impulsos mais primitivos, e menor ativação de estruturas corticais, designadamente, o córtex pré-frontal, que desempenha um papel determinante naquelas mesmas funções (Andrade et al., 2018; Arain et al., 2013).

Desenvolvimento da personalidade na adolescência: Traços e atitudes

A personalidade é um construto lato que engloba traços, estratégias de *coping* e mecanismos de defesa, autoconceito, valores, crenças e atitudes (Rothbart, 2011), assim como visões sobre si próprio, os outros e o mundo (Bates et al., 2010).

Embora constituintes do mesmo construto, traços e atitudes são componentes distintas. Os traços de personalidade, segundo Bates e colegas (2010), consistem em formas relativamente estáveis de pensar, sentir e agir. Rothbart (2011) destaca que os traços têm base genética e biológica, sendo considerados manifestações temperamentais na interação com o mundo. Esta ideia é igualmente defendida por Costa e colaboradores (2019). Na visão dos mesmos autores, os traços de personalidade não são resultado da adaptação ao mundo, mas constituem a base com a qual o indivíduo se adapta ao mundo. Os traços representam, assim, disposições que influenciam a forma como o indivíduo reage e se adapta aos diferentes papéis, relações, aspirações e atitudes, que são respostas dinâmicas às exigências do meio e que variam com a cultura, família e eventos ao longo do ciclo de vida. Deste modo, o desenvolvimento dos traços é pautado essencialmente por uma maturação biológica, mais do que pelas experiências

de vida, apresentando um carácter evolutivo, universal e idêntico em todas as culturas (Tetzchner, 2023a).

De acordo com o Modelo dos Cinco Fatores (Costa & McCrae, 2000), são cinco os traços de personalidade: extroversão, abertura à experiência/intelecto, conscienciosidade, amabilidade e neuroticismo. De forma sintética: a) a extroversão caracteriza-se por altos níveis de sociabilidade, energia, entusiasmo e assertividade, enquanto o polo oposto engloba descritores como reservado/a, timidez, envergonhado/a e introvertido/a; b) a amabilidade inclui confiança, cooperação, simpatia e gentileza, contrastando com descritores como rude, pessoa “difícil”, antipática e mesquinha; c) a conscienciosidade refere-se à organização, responsabilidade, planificação e orientação para objetivos, oposta a descuido, desorganização, irresponsabilidade e desatenção; d) o neuroticismo manifesta-se em tensão, ansiedade, estar mal-humorado/a e instabilidade emocional, com o polo oposto marcado pela calma, equilíbrio, autoconfiança e estabilidade emocional; por fim, a abertura à experiência/intelecto envolve a curiosidade, criatividade, imaginação e intuição, sendo que o polo oposto reflete conservadorismo, realismo, pragmatismo e cautela (Costa & McCrae, 2000).

Apesar de se considerar que os traços de personalidade se estabilizam entre os 21 e 30 anos de idade (Papalia et al., 2006), existe evidência empírica que os valores médios dos cinco fatores em população adolescente são semelhantes aos encontrados em população adulta (Allik et al., 2004; Anusic & Schimmack, 2016). Allik e colaboradores (2004) observaram que, por volta dos 14/15 anos, os traços de personalidade apresentam estabilidade comparável à dos adultos, alcançando congruência total aos 16 anos. No entanto, aos 12 anos, a ausência de capacidades cognitivas e introspectivas suficientes limita a fiabilidade dos autorrelatos. Uma meta-análise conduzida por Anusic e Schimmack (2016), baseada em 179 estudos, confirmou uma grande estabilidade dos traços, principalmente, a partir dos períodos da adolescência e adultez emergente. Efetivamente, esta abordagem tem sido amplamente utilizada para medir e prever a personalidade ao longo de todo o ciclo vital, desde pré-adolescentes com 9 anos até pessoas com 103 anos de idade (Costa et al., 2019). Fruto desta estabilidade, os traços têm permitido prever diversas trajetórias de desenvolvimento, que incluem competências interpessoais (Lo et al., 2022), criminalidade (Tharshini et al., 2021), resiliência, sucesso profissional (Zhao & Ji, 2024) e saúde (Cao & Ji, 2024).

Relativamente às atitudes, estas são definidas como avaliações relativamente estáveis que qualificam um objeto ou entidade como favorável ou desfavorável (Ajzen, 2001). São um

construto tripartido, composto por dimensões afetivas, comportamentais e cognitivas (Frizzirin et al., 2023). As componentes afetivas referem-se aos sentimentos em relação a uma entidade/objeto; as comportamentais, às intenções de agir de determinada forma; e as cognitivas, às crenças e conhecimentos associados a essa entidade/objeto (Frizzirin et al., 2023). As atitudes formam-se através de mecanismos intrapessoais, como avaliações cognitivas, experiências pessoais e respostas afetivas, e mecanismos interpessoais, que incluem influências familiares, dos pares, culturais e dos *media* (Ottati et al., 2005). Enquanto mecanismos intrapessoais enfatizam os processos internos de coerência entre crenças e comportamentos (Festinger, 1957), os interpessoais salientam a aprendizagem observacional e a modelagem em interações sociais (Bandura, 1977).

Festinger (1957) concentrou-se na estabilidade e mudança das atitudes, destacando o evitamento de dissonância cognitiva, enquanto Bandura (1977) abordou a formação das atitudes com base na aprendizagem social. Gleitman e colegas (2011) afirmam que as atitudes começam a formar-se desde cedo e podem mudar ao longo do tempo. Por exemplo, ao recompensar uma criança por realizar os trabalhos escolares, os pais incentivam o desenvolvimento de uma atitude positiva em relação ao trabalho, utilizando o condicionamento operante, um dos mecanismos da teoria de aprendizagem social (Bandura, 1977). Semelhantes estratégias ao longo do desenvolvimento, como os condicionamentos clássico e vicariante, também fomentam a aprendizagem (Bandura, 1977). De facto, estes processos de aprendizagem social sugerem que na adolescência a formação das atitudes serão moldadas por crenças, afetos e comportamentos consistentes com os grupos de pares (Norris, 2020). Adicionalmente, as redes sociais digitais expõem os adolescentes a padrões comportamentais, tendências, estilos de vida, informação acessível, entre outros, cujo *feedback* é instantâneo – visualizações ou gostos – reforçando os seus mecanismos de recompensa (Nesi, 2020). Apesar da menor dependência dos adolescentes em relação aos progenitores, a exposição aos comportamentos observados na família contribui para a construção de atitudes ao longo do seu desenvolvimento (Bandura, 1977) e poderão estar na base das atitudes exibidas pelos adolescentes, por exemplo, nos relacionamentos interpessoais e, de modo particular, nos relacionamentos amorosos (Antle et al., 2020).

Relações românticas na adolescência

Definição e características das relações românticas

As relações românticas referem-se a interações contínuas e voluntárias, mutuamente reconhecidas, caracterizadas por intensidade, expressões de afeto e comportamentos sexuais presentes ou esperados, aplicando-se tanto a relações entre pessoas do mesmo gênero quanto de gêneros diferentes (Collins et al., 2009). As relações românticas também são designadas por namoro, passar tempo com alguém ou sair com alguém (Furman & Hand, 2006). Já as experiências românticas abrangem um conjunto mais amplo de atividades e pensamentos, que incluem relações românticas, mas também fenômenos como fantasias, atrações não correspondidas, interações com potenciais parceiros e breves encontros sexuais sem envolvimento romântico (Collins et al., 2009).

Se é na adolescência que os pares assumem particular destaque na vida do jovem, é também nesta fase que a exploração das relações românticas se torna central para o seu desenvolvimento (Kochendorfer & Kerns, 2020). Dados estatísticos indicam que 17% dos adolescentes que frequentem o 7º ano de escolaridade já tiveram alguma experiência romântica, valor que aumenta para 80% entre os jovens que frequentam o 11º (Furman & Hand, 2006), o que evidencia o crescimento destas experiências à medida que os jovens avançam pelas diferentes etapas da adolescência (Collins et al., 2009). Num estudo longitudinal de 13 anos, Boisvert e Poulin (2016) verificaram que a maior parte dos inquiridos reporta ter tido cerca de três relacionamentos durante o período da adolescência. Dado que o envolvimento em relações românticas e a frequência de experiências românticas são parte integrante do sistema social dos adolescentes (Collins et al., 2009), as primeiras experiências de maior intimidade e partilha surgem no grupo de amigos. Assim, as relações românticas quando surgem na adolescência precoce (10-13 anos) têm uma função mais de companhia ou de ganhar estatuto junto do grupo de pares (Kochendorfer & Kerns, 2020).

Por volta da adolescência média (14-17 anos), observa-se uma mudança nos comportamentos sociais, com uma redução do envolvimento no grupo de amigos e um aumento do tempo partilhado em relações românticas diádicas (Furman & Rose, 2015). Por fim, na adolescência tardia (18-20 anos), as relações românticas tornam-se mais consolidadas e adquirem maior importância em termos de companhia, intimidade e partilha emocional, superando, em muitos casos, a proximidade com os amigos (Kochendorfer & Kerns, 2020). De uma forma resumida, Furman e Rose (2015) descrevem a evolução das relações românticas ao

longo da adolescência em quatro etapas: a) não existe propriamente relação romântica; b) relação romântica casual; c) múltiplas relações românticas casuais; d) relação romântica estável.

O envolvimento em relações românticas é conceptualizado como uma tarefa desenvolvimental de particular relevância na adolescência, uma vez que ter um parceiro romântico permite o estabelecimento de uma vinculação baseada na amizade, partilha, intimidade e sexualidade (Tetzchner, 2023b). Além disso, esta tarefa contribui para o cumprimento de outras tarefas desenvolvimentais significativas na adolescência, como a construção de identidade, o desenvolvimento sexual, a conquista de maior autonomia em relação aos progenitores e a formação de relações íntimas com os pares (Avilés et al., 2021).

As relações românticas têm sido associadas a diversos benefícios na adolescência, incluindo maior autoconfiança (Collins et al., 2009), autoestima (Avilés et al., 2021), suporte emocional e bem-estar (Boisvert & Poulin, 2016), aceitação, competência e afirmação social, bem como satisfação com a vida e felicidade (Viejo et al., 2015). Contudo, a literatura também aponta aspetos negativos, como sintomas internalizantes, incluindo stresse, solidão e depressão, e sintomas externalizantes, como o consumo de substâncias (Furman & Rose, 2015). Podem ainda surgir comportamentos caracterizados por irritabilidade, antagonismo, conflitos e controlo (Schulz et al., 2023). Entre as problemáticas levantadas pela literatura, uma que tem recebido atenção crescente devido ao seu impacto na saúde pública é a violência no namoro (Bowen & Walker, 2015), tema que será explorado de seguida.

Violência no namoro

A violência no namoro, também designada por violência nas relações de intimidade (Furman & Rose, 2015), é definida como o comportamento que causa dano físico, sexual e/ou psicológico, que inclui agressão física, coerção sexual, abuso psicológico e comportamentos de controlo, praticados por um atual ou antigo parceiro (WHO, 2021).

A violência no namoro é frequentemente referida como violência conjugal, marital ou doméstica (Bowen & Walker, 2015). Em Resolução de Conselho de Ministros [RCM] (2010), a legislação portuguesa indica que a violência doméstica abrange a violência perpetrada contra o parceiro ou elementos do mesmo agregado familiar, independentemente do género ou idade, bem como de antigos parceiros ou atuais parceiros com filhos ou responsabilidades parentais partilhadas, ainda que sem coabitação doméstica.

Com efeito, para uma melhor compreensão conceptual, Krug e colaboradores (2002) classificam a violência em três categorias: autodirigida, coletiva e interpessoal. Esta última abrange a violência familiar/íntima e a comunitária. A violência íntima/familiar pode ocorrer entre parceiros íntimos (que é a violência no namoro) ou em contextos familiares, como em crianças e idosos. Em termos de natureza, estão incluídas as violências física, sexual, psicológica e privativa/negligente (Krug et al., 2002). Podemos concluir que, de acordo com a conceptualização teórica de Krug e colegas (2002) e em consonância com a legislação portuguesa decretada em RCM (2010), a violência no namoro pode ser considerada um subtipo da violência doméstica, uma vez que esta, por sua vez, tem um carácter mais lato, isto é, engloba tanto a violência no namoro quanto a violência no seio familiar. Quando ocorre entre jovens adolescentes, a literatura designa por violência no namoro adolescente (do inglês *teen dating violence*; Centers for Disease Control and Prevention [CDC], 2020).

A violência no namoro é atualmente reconhecida como uma prioridade global na investigação e na intervenção (Muñoz-Rivas et al., 2022). A comunidade científica interessou-se durante décadas por este fenómeno em pessoas casadas ou em união de facto, ou seja, a coabitarem no mesmo espaço, porém, negligenciou outros contextos e outras populações, nomeadamente, a violência no namoro em jovens adolescentes e na adultez emergente (Caridade & Machado, 2013). As características dos comportamentos violentos no namoro adolescente são similares às da violência no namoro entre adultos: a) violência física: quando o perpetrador magoa ou tenta magoar a vítima através de pontapés, murros ou outro tipo de força física; b) violência sexual: quando o perpetrador força ou tenta forçar a vítima a atos sexuais ou a ações não-físicas de carácter sexual (e.g., enviar fotos íntimas) sem o seu consentimento; c) violência psicológica: esta é uma das formas de violência que abrange uma maior diversidade de comportamentos violentos, sendo caracterizada, de uma forma sintética, pelo uso de comunicação verbal e não verbal por parte do perpetrador com o intuito de abusar emocionalmente (e.g., humilhar, ameaçar e insultar) e exercer controlo e intimidação sobre a vítima. Associam-se a esta forma de violência comportamentos de perseguição (do inglês *stalking*) e assédio, de violência relacional (e.g., espalhar mentiras e rumores), de violência tecnológica/digital (do inglês *cyberbullying*; e.g., assediar e intimidar por meio de ferramentas tecnológicas/digitais), entre outros (Bowen & Walker, 2015; CDC, 2020). Não obstante as semelhanças, há diferenças entre a violência no namoro adolescente e a violência no namoro dos adultos, já que esta última pressupõe com frequência um compromisso que pode envolver

coabitação e, comumente, embora não seja regra, envolve uma mudança no estado civil, isto é, estar casado ou em união de facto, cujo compromisso pode acarretar responsabilidades como a parentalidade e a existência de (inter)dependência financeira, enquanto a violência no namoro adolescente não contempla habitualmente estes aspetos (Rey-Anacona et al., 2022).

Dados de prevalência. A expressividade dos números da violência no namoro adolescente é elevada. É estimado que 1/3 dos adolescentes venham a experienciar alguma forma de violência no namoro durante este período de desenvolvimento (Exner-Cortens et al., 2021). Taylor e Mumford (2016) verificaram que, em uma amostra de 1804 adolescentes, nos Estados Unidos, 18% reportou ter sido vítima de abuso físico e sexual, enquanto 12% reportou ter sido perpetrador dessas mesmas formas de violência no namoro. Mais de 60% dos participantes reportaram ter vivenciado violência psicológica, seja na posição de vítima seja na de perpetrador. Num estudo realizado no Canadá, com uma amostra de 3711 adolescentes, foi possível verificar que quase 28% reportou ter sido vítima de violência psicológica e quase 12% ter sido vítima de violência física. No sentido oposto, mais de 9% reportou ter perpetrado violência psicológica e cerca de 7% violência física. Além disto, 18% reportou ter sido vítima de violência tecnológica/digital, que integra a violência psicológica, e quase 8% afirmou ter perpetrado essa forma de violência (Exner-Cortens et al., 2021). Numa amostra de 2049 adolescentes na Colômbia, foi possível apurar números um pouco superiores, já que quase 90% dos participantes reportou ter perpetrado ou ter sido vítima de violência psicológica e cerca de 48% reportou violência sexual e quase 23% violência física (Rey-Anacona et al., 2022).

Na Europa, segue-se a mesma tendência constatada no continente americano, visto que, numa amostra de 4351 estudantes na Alemanha, foi possível apurar que 54.8% dos jovens revelou ter perpetrado violência no namoro, sendo que 51.8% dessa perpetração é verbal/emocional (Beckmann et al., 2019). Num estudo em Itália, com uma amostra de 336 adolescentes, foi possível constatar que entre 11% a 20% reportou ter sido vítima de violência verbal ou emocional, seguido de violência física (cerca de 15%) e da violência sexual (cerca de 1%); quanto à perpetração, segue a mesma tendência: entre 12 a 25% reportou ter perpetrado violência verbal ou emocional, seguido da violência física (entre 5% a 23%) e, por último, da violência sexual (cerca de 1%). As ameaças ao parceiro, forma de violência psicológica, totalizaram entre 6% a 10% da vitimização e entre 4% a 12% da perpetração da violência no namoro adolescente (Mineo et al., 2022). Em Espanha, numa amostra constituída por 268 adolescentes, apurou-se que mais de 29% já teve algum comportamento de perpetração e cerca

de 36% experienciou vitimização. Quanto à perpetração, mais de 28% reportou ter cometido violência psicológica/emocional e mais de 3% violência física, sendo que mais de 32% reportou ter sido vítima de violência psicológica/emocional e cerca de 5% reportou ter sofrido violência física (Dosil et al., 2020).

Em contexto português, os dados estatísticos estão em linha com o contexto internacional. Um dos estudos pioneiros em Portugal, levado a cabo por Machado e colaboradoras (2010), com uma amostra de 4667 jovens, foi possível verificar que mais de 25% dos participantes reportou ter sido vítima de abuso físico ou emocional e 36% reportou ter sido vítima de alguma forma de violência relacional. No Observatório da Violência no Namoro conduzido por Neves e colaboradoras (2023), numa análise efetuada entre o período de 2017 e 2022, num total de 440 denúncias de vitimização de violência no namoro, foi possível verificar que em 85% da amostra houve violência emocional e que quase 50% reportou ter havido abuso físico, enquanto cerca de 23% reportou ter havido agressão sexual. Num outro estudo conduzido pela mesma autora (Neves et al., 2018), numa amostra com 404 alunos do ensino secundário, verificou-se que mais de 34% indicou já ter sido vítima de alguma forma de violência no namoro, ao passo que cerca de 33% revelou já ter perpetrado pelo menos uma vez enquanto esteve/está numa relação amorosa. Um estudo de Dixe e colaboradores (2020), numa amostra de 197 adolescentes, apurou números um pouco superiores em que cerca de 51% indicou já ter sido vítima de violência no namoro, enquanto cerca de 45% revelou já ter perpetrado numa relação amorosa.

A Associação da União das Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR) tem procurado dar a conhecer a realidade portuguesa relativamente a esta temática e, de forma sistemática, tem realizado estudos descritivos que revelam um aumento do número de violência no namoro adolescente. Numa amostra constituída por 6152 jovens estudantes entre o 7º e 12º ano de escolaridade, cuja amostra foi recolhida de todo o território português, 63% indicou já ter sido vítima de alguma forma de violência no namoro – violência psicológica, de controlo, de perseguição, de *cyberbullying*, física e sexual. Cerca de 46% reportou ter vivenciado controlo, quase 40% violência psicológica, cerca de 21% *cyberbullying*, mais de 20% reportou ter sido perseguido, cerca de 19% vítima de violência sexual e 11% vítima de violência física (Magalhães et al., 2024).

Embora existam poucos dados relatados na R.A.M., um estudo de Portugal e colaboradoras (2023), numa amostra de 247 jovens universitários, encontrou uma prevalência quer de perpetração quer de vitimização na violência no namoro a rondar os 80%. Foi relatado ainda que cerca de 74% reportou já ter perpetrado psicologicamente, 30.1% perpetrado sexualmente e 26.4% fisicamente. Relativamente à vitimização, 71.1% reportou ter sido vítima de violência psicológica, seguida de violência sexual (33.7%) e, por fim, de violência física (25.6%).

Fatores de risco. A investigação tem-se focado na identificação de fatores de risco que contribuem para a violência no namoro. Capaldi e colaboradores (2012) classificaram esses fatores em três níveis: características contextuais (e.g., género, idade, estatuto socioeconómico), características desenvolvimentais e comportamentais (e.g., personalidade, cognitivas, influências das famílias de origem e dos relacionamentos com os pares) e padrões de interação nos relacionamentos amorosos (e.g., estatuto das relações, satisfação e discórdia nas relações).

Entre as características contextuais, o género tem sido amplamente estudado, devido ao desfasamento encontrado na prevalência de violência no namoro entre homens e mulheres. Diversos estudos apontam para uma maior perpetração masculina e vitimização feminina (García-Carpintero-Muñoz et al., 2022; Karsberg et al., 2018; Magalhães et al., 2024; Reyes et al., 2016). As teorias feministas têm tido uma ampla aceitação na explicação deste fenómeno (Magalhães et al., 2024; Reyes et al., 2016). Estas teorias postulam que existe uma tradição histórica de dominação masculina. Esta visão sustenta que o homem tem a palavra final na tomada de decisão e que a mulher deve ser passiva, o homem exerce o seu papel de poder, sendo mais duro e agressivo, emocionalmente desligado e tem a prerrogativa sexual nos relacionamentos amorosos, enquanto as mulheres devem ser controladas, devem ter estatutos e funções menos relevantes e, inclusive, ser sexualmente submissas. Estas crenças estão na base da formação de atitudes que legitimam o poder patriarcal e o aumento da probabilidade de risco de perpetração de violência no namoro (Reyes et al., 2016). Estas teorias explicativas têm tido uma grande relevância porque promovem o empoderamento das vítimas, especialmente, as vítimas mulheres, bem como uma normalização e validação da discussão social sobre a violência no namoro, independentemente do género (Caridade & Machado, 2013), o que resulta na aplicação de respostas sociais, leis protetoras das vítimas e, ainda, no desenvolvimento de programas de reabilitação para perpetradores (Straus & Scott, 2009).

Contudo, a literatura também destaca a reciprocidade de gênero na violência no namoro (Mattson et al., 2021; Muñoz-Rivas et al., 2022; Plouffe et al., 2022; Taquette & Monteiro, 2019; Straus & Scott, 2009), com alguns estudos apontando maiores níveis de perpetração por parte do gênero feminino, especialmente, ao nível psicológico (Neves et al., 2021; Rey-Anacona et al., 2022).

Nas características desenvolvimentais e comportamentais, realça-se, desde logo, as influências familiares: testemunhar/ser alvo de maus-tratos ou de violência no seio parental/familiar é um preditor de violência no namoro por ter efeito de aprendizagem (Gage, 2016; Sears, Byers & Price, 2007); o grupo de pares exerce grande influência, já que a necessidade de aceitação e pertença leva os indivíduos a adotarem atitudes e comportamentos do grupo, especialmente, quando este apresenta comportamentos desviantes (Garthe et al., 2016; Ludin et al., 2017); adicionalmente, ter experiência de vitimização de *bullying* é um fator que contribui tanto para a probabilidade futura de vitimização, quanto de perpetração (Garthe et al., 2016; Ludin et al., 2017); na mesma senda, a exposição às redes sociais e aos meios de comunicação digitais poderão fomentar esta problemática, através das tendências, dos *influencers*, do acesso fácil e gratuito de informação que, não sendo tratada, pode passar por desinformação, do *cyberbullying*, entre outros (Nesi, 2020); destaca-se também o consumo de álcool e drogas ilícitas que estão associados aos comportamentos de risco (Ludin et al., 2017); outros fatores de risco frequentemente mencionados na literatura são a baixa autoestima, inexperiência nas relações amorosas e alguns quadros e sintomas clínicos como a ansiedade, depressão, evitamento e solidão (Caridade & Machado, 2013; Furman & Rose, 2015; Ludin et al., 2017; Tomaszewska & Schuster, 2021).

Entre os fatores de risco, considera-se a personalidade. Tendo em conta que a violência no namoro acontece num contexto íntimo interpessoal, a personalidade exerce uma função vital porque se expressa em todas as interações da vida diária do ser humano, onde as relações íntimas são centrais. As situações em que o ser humano se depara providenciam várias oportunidades de resposta, e, em parte, esta irá depender dos traços de personalidade. Por exemplo, indivíduos com elevados níveis de neuroticismo tendem a experienciar mais stresse psicológico, afeto negativo com maior intensidade, maior tendência para pontuar mais alto nos indicadores de ansiedade e depressão, ter mecanismos de *coping* ineficientes, demonstrar comportamentos hostis, ser mais impulsivo e ter tendência para comportamentos e pensamentos irracionais (Hines & Saudino, 2008). Assim, este traço parece tornar-se um fator

de risco para uma maior prevalência de violência no namoro (Chen et al., 2024; DeWall, Anderson & Bushman, 2011; Hines & Saudino, 2008; Kaighobadi et al., 2009; Ulloa et al., 2016). Ainda que, com menos evidência, mas algum destaque na literatura (Chen et al., 2024; Hines & Saudino, 2008; Kaighobadi et al., 2009), verifica-se que os indivíduos que obtêm valores baixos relativamente ao traço amabilidade tendem a demonstrar comportamentos antagonistas, a desconfiar dos outros, a agir de forma a desprezar ou excluir pessoas que não gostam, a sentir necessidade de atacar ou punir outros e, ainda, de exibir pouca expressividade emocional e estabelecimento de vínculo interpessoal frágil. Embora a relação entre os traços de personalidade e violência no namoro adolescente careça de maior investigação, existem indícios da existência desta relação, já que foram encontradas evidências entre ter pontuação mais elevada no neuroticismo e pontuação mais baixa na amabilidade e violência no namoro na adolescência tardia (Hines & Saudino, 2008) e nos jovens adultos (Chen et al., 2024; Kaighobadi et al., 2009; Ulloa et al., 2016). Com efeito, o neuroticismo demonstra uma associação positiva e consistente tanto à perpetração (Hines & Saudino, 2008; Kaighobadi et al., 2009; Ulloa et al., 2016), quanto à vitimização (Chen et al., 2024; Hines & Saudino, 2008; Ulloa et al., 2016). Com menos evidência empírica, a amabilidade parece estar negativamente associada à perpetração (Hines & Saudino, 2008; Kaighobadi et al., 2009) e à vitimização (Chen et al., 2024).

Além dos traços de personalidade, as atitudes têm sido associadas à violência no namoro (DeWall et al., 2011; Sears et al., 2007; Ulloa et al., 2016). Embora constituintes da personalidade (Rothbart, 2011), as atitudes que legitimam a violência no namoro são fatores construídos, tanto por mecanismos interpessoais, ou seja, de diferentes estímulos provenientes da sua relação com o meio (e.g., família, grupo de pares, comunidade; Barlett & Anderson, 2012; Beckmann et al., 2019; Cava et al., 2022), quanto por meio de mecanismos intrapessoais que decorrem de avaliações negativas e hostis, geradoras de respostas agressivas e avaliações favoráveis/tolerantes de violência no namoro (Capaldi et al., 2012; Fernández-González et al., 2018). É neste sentido que a teoria social da aprendizagem (Bandura, 1977) e a teoria da dissonância cognitiva (Festinger, 1957) têm permitido compreender a formação e o desenvolvimento de crenças distorcidas (também designadas por mitos) acerca do que é o amor e as relações amorosas, bem como de atitudes legitimadoras de violência no namoro (Barlett & Anderson, 2012; DeWall et al., 2011; Ulloa et al., 2016).

Percorrendo alguns dos mitos, o amor idealizado é uma das construções míticas, que incluem crenças como o poder do amor como remédio para ultrapassar todo o tipo de dificuldades, a necessidade de ter uma relação romântica de modo a ser feliz, a percepção do amor como um sentimento que requer sofrimento e, ainda, a existência de uma alma gémea como um e único amor (García-Carpintero-Muñoz et al., 2022). A racionalização do controlo, nomeadamente, monitorizar as atividades do parceiro, como forma de cuidar do parceiro, de valorização e de manutenção de um relacionamento saudável (Silva et al., 2023), a minimização do impacto do abuso verbal ou emocional, como a manipulação ou o insulto, como formas menos severas de violência no namoro (Schumacher & Slep, 2004), culpar a vítima pela agressão sofrida como forma de equilibrar o relacionamento (Fernández-González et al., 2018), tolerar a agressão por estar fisiológica e cognitivamente alterado pelo consumo de substâncias (Mattson et al., 2021) são formas de perpetuação destas crenças distorcidas e de atitudes legitimadoras da problemática. A comunicação social tem, de igual modo, um papel fundamental na perpetuação destas construções, a título de exemplo, na transmissão de conteúdos programáticos românticos como novelas e *reality shows*, em que são romantizados comportamentos obsessivos, como o ciúme e o controlo, valorizando-se personagens agressivas, conotando-as como mais apelativas e desejáveis, e se relativizam as consequências causadas pela violência no namoro (Furman & Rose, 2015; Nesi, 2020). A normalização destas atitudes dificulta que os adolescentes reconheçam atos de controlo ou agressão como abusivos. Mesmo quando percebem ser uma atitude abusiva, acreditam que irá desaparecer e o parceiro mudar, porque é isso que acontece no “verdadeiro amor” (Cava et al., 2022). Contudo, estas atitudes são tão presentes na vitimização quanto na perpetração (Garthe et al., 2016). Com efeito, a vítima pode considerar que é normal ser agredida se ela fez algo ao parceiro perpetrador que o irritou, assim como o perpetrador considerar que é normal agredir a vítima, já que a partir do momento em que sofre a agressão esta muda para o comportamento desejado pelo parceiro perpetrador (Mueller et al., 2013). Com efeito, as atitudes têm uma atuação holística na compreensão desta problemática dado que, enquanto fatores de risco, se sobrepõem, aos padrões de interação nos relacionamentos amorosos, que configuram o terceiro nível de fatores de risco levantados por Capaldi e colaboradores (2012). Esta sobreposição é contemplada nas diversas trocas interacionais da díade, como nas expectativas colocadas, na expressão do afeto e, ainda, na gestão dos conflitos (Cava et al., 2022).

Consequências. A prevalência deste fenómeno tem crescido ao ponto de, atualmente, ser considerado um grave problema social e um problema sério de saúde pública devido, sobretudo, às consequências a curto e a longo-prazo para o desenvolvimento integral dos adolescentes (Valdivia-Salas et al., 2022). Revisões sistemáticas têm revelado que, independentemente da direção, a violência no namoro adolescente está associada a baixo rendimento académico, abandono escolar, abuso de substâncias, pouca utilização de métodos contraceptivos, gravidez precoce e doenças sexualmente transmissíveis (Taquette & Monteiro, 2019; Tomaszewska & Schuster, 2021), bem como a problemas de controlo alimentar, baixa autoestima, insegurança, isolamento, perturbações de ansiedade e depressão, sintomas de stress pós-traumático, ideação ou mesmo tentativa suicida, repetição de violência no namoro em futuras relações e, até, predição de futura violência doméstica (Piolanti et al., 2023; Yanez-Peñúñuri et al., 2023).

Por último, embora a literatura aponte para uma reciprocidade de violência no namoro adolescente (Mattson et al., 2021; Muñoz-Rivas et al., 2022; Plouffe et al., 2022; Taquette & Monteiro, 2019; Straus & Scott, 2009), o género feminino experiencia mais lesões e maior severidade de violência no namoro comparativamente ao género masculino (Psychogiou et al., 2023; Valdivia-Salas et al., 2022).

O presente estudo

O presente estudo baseia-se no Modelo Geral da Agressão (GAM) de Anderson e Bushman (2002), que oferece uma leitura compreensiva da violência no namoro ao integrar dimensões disposicionais e sociocognitivas. Este modelo sugere que a violência no namoro surge de uma interação complexa entre fatores internos, a partir da sua experiência fenomenológica, nomeadamente, processos cognitivos desenvolvidos, respostas emocionais, avaliações e tomadas de decisão, e fatores externos, fruto da aprendizagem social através da observação e modelagem, fatores esses que moldam as atitudes legitimadoras de comportamentos violentos (Anderson & Bushman, 2002). Adicionalmente, o modelo engloba as predisposições genéticas e biológicas dos traços neuroticismo e amabilidade, que podem desempenhar um papel duplo: por um lado, intensificar ou mitigar o risco de envolvimento em comportamentos violentos e, por outro, influenciar o desenvolvimento de atitudes legitimadoras de violência (Barlett & Anderson, 2012; DeWall et al., 2011). Enquanto o neuroticismo, caracterizado por instabilidade emocional e sensibilidade a estímulos negativos, pode predispor a comportamentos violentos e atitudes mais permissivas/legitimadoras de

violência, a amabilidade, associada à empatia e à cooperação, tende a atenuar tais comportamentos e atitudes. Da mesma forma, os polos opostos desses traços influenciam em direções diferentes a expressão de violência tanto na propensão para a ocorrência de comportamentos, quanto no desenvolvimento de atitudes legitimadoras (Barlett & Anderson, 2012; DeWall et al., 2011).

Hines e Saudino (2008) destacam a necessidade de ampliar os estudos sobre a relação entre traços e violência no namoro para além da população universitária, designadamente, a população adolescente, grupo ainda pouco explorado neste contexto (Tomaszewska & Schuster, 2021). Com efeito, a violência no namoro tem sido amplamente abordada em adultos em contexto doméstico e, mais recentemente, tem sido explorada em contexto universitário (Caridade & Machado, 2013). Existem inúmeros estudos que estabelecem relações significativas entre as atitudes legitimadoras de violência no namoro e a violência no namoro (Beckmann et al., 2019; Borges et al., 2020; Capaldi et al., 2012; Cava et al., 2022; Fernández-González et al., 2018; Furman & Rose, 2015; Gage, 2016; García-Carpintero-Muñoz et al., 2022; Garthe et al., 2016; Ludin et al., 2017; Mattson et al., 2021; Mueller et al., 2013; Schumacher & Slep, 2004; Silva et al., 2023; Vagi et al., 2013; Valdivia-Salas et al., 2022; Ybarra & Langhinrichsen-Rohling, 2019). Todavia, investigações sobre o papel dos traços de personalidade na temática, apesar de promissoras, têm sido menos prolíferas (Chen et al., 2024; Hines & Saudino, 2008; Kaighobadi et al., 2009; Ulloa et al., 2016). Do modelo dos cinco fatores, o neuroticismo e a amabilidade são os traços que têm merecido maior destaque na investigação sobre a violência no namoro por revelarem maior suporte empírico (Hines & Saudino, 2008; Ulloa et al., 2016), por isso, neste estudo, serão enfatizados o seu papel na compreensão deste fenómeno. Além disso, a relação entre atitudes e traços tem recebido pouca atenção nos estudos sobre a violência no namoro adolescente (Hines & Saudino, 2008; Ulloa et al., 2016), sendo mais frequentemente investigada em outras formas de violência, nomeadamente, a física (Barlett & Anderson, 2012) ou a geral (Anderson & Bushman, 2002; Barlett & Anderson, 2012; DeWall et al., 2011).

Objetivos de investigação

Os objetivos desta dissertação são:

1 – Descrever a prevalência de violência no namoro e caracterizar as atitudes legitimadoras de violência no namoro;

2 – Comparar a violência no namoro e atitudes legitimadoras entre adolescentes, considerando as diferenças em função da fase da adolescência e do género:

2.1 – Comparar a violência no namoro e as atitudes legitimadoras entre os jovens da adolescência média (14-17 anos) e os da adolescência tardia (18-19 anos);

2.2 – Comparar a violência no namoro e as atitudes legitimadoras entre rapazes e raparigas;

3 – Analisar a relação entre traços de personalidade, atitudes legitimadoras e violência no namoro;

4 – Determinar como as atitudes legitimadoras de violência psicológica e física no namoro predizem a violência no namoro, depois de controlada a influência dos traços neuroticismo e amabilidade.

Parte II – Metodologia

O presente estudo adota uma metodologia de cariz quantitativo (Creswell & Creswell, 2018), analisando os dados de forma transversal, descritiva, comparativa, correlacional e preditiva (Coutinho, 2011).

Amostra

A amostra foi constituída por 410 adolescentes, sendo a maioria ($n = 274$, 66.8%) do género feminino. A maior parte dos adolescentes indica ter uma orientação sexual heterossexual ($n = 340$, 83.5%), encontra-se no 12º ano de escolaridade ($n = 144$, 35.6%) e está repartida entre estarem num relacionamento ($n = 158$, 38.6%) ou não estarem atualmente, mas já terem estado num relacionamento amoroso ($n = 158$, 38.6%). As idades variam entre os 14 e os 19 anos ($M = 17.18$, $DP = 1.39$), sendo que 50.2% ($n = 206$) estão na adolescência média e 49.8% ($n = 204$) na adolescência tardia. Para maior detalhe, consultar Tabela 1.

Tabela 1

Caracterização sociodemográfica da amostra

| | <i>N</i> | <i>%</i> |
|--------------------------------|----------|----------|
| Género | | |
| Masculino | 134 | 32.7 |
| Feminino | 274 | 66.8 |
| Outro | 2 | 0.5 |
| Idade | | |
| 14 | 12 | 2.9 |
| 15 | 55 | 13.4 |
| 16 | 58 | 14.1 |
| 17 | 81 | 19.8 |
| 18 | 131 | 32 |
| 19 | 73 | 17.8 |
| Orientação sexual | | |
| Heterossexual | 340 | 83.5 |
| Homossexual | 18 | 4.4 |
| Bissexual | 42 | 10.3 |
| Pansexual | 2 | 0.5 |
| Preferiram não responder | 5 | 1.3 |
| Ano de escolaridade | | |
| 9º | 8 | 2 |
| 10º | 70 | 17.2 |
| 11º | 66 | 16.3 |
| 12º | 144 | 35.6 |
| Ensino superior | 117 | 28.9 |
| Situação relacional | | |
| Encontra-se atualmente | 158 | 38.6 |
| Não se encontra, mas já esteve | 158 | 38.6 |
| Nunca esteve | 93 | 22.8 |

Instrumentos

Foi desenvolvido um questionário sociodemográfico para efeitos específicos do presente estudo com vista a obter informação sobre idade, género, orientação sexual, ano escolar e situação relacional.

Para avaliar a violência no namoro, utilizou-se o Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes versão breve (CADRI-S), cuja versão foi desenvolvida por Fernández-González e colaboradores (2012) e adaptada para a população portuguesa por Cunha e colaboradoras (s.d. – em fase de validação). É uma escala de autorrelato que avalia a expressividade de violência num relacionamento amoroso, composta por 20 itens distribuídos por cinco subescalas/tipos de comportamento: 1) comportamento ameaçador (2 itens, e.g. – Eu ameacei magoar a/o minha/meu parceira/o); 2) violência relacional (2 itens, e.g. – Eu espalhei rumores sobre a/o minha/meu parceira/o); 3) violência física (2 itens, e.g. – Eu bofetei ou puxei o cabelo do/o minha/meu parceira/o); 4) violência sexual (2 itens, e.g. – Eu toquei sexualmente na/o minha/meu parceira/o quando ela/ele não queria); 5) violência emocional ou verbal (2 itens, e.g. – Eu insultei a/o minha/meu parceira/o com frases ofensivas). Cada tipo de comportamento é avaliado consoante presença, frequência e tipo de violência que ocorre na atualidade ou já ocorreu no passado, por meio de duas grandes dimensões: perpetração e vitimização. É uma escala de resposta de tipo *Likert* com pontuações que variam entre 0 (nunca) e 3 (muitas vezes). A escala total apresenta bons níveis de consistência interna ($\alpha = .83$). Relativamente às dimensões globais da perpetração e da vitimização, apresentam valores globalmente bons ($\alpha = .73$; $\alpha = .81$), respetivamente. Quanto às subescalas da vitimização e de perpetração, os valores de α variam entre .40 e .83. Quando os valores de α foram questionáveis ($\alpha < .7$) de acordo com Pallant (2011), recorreu-se ao cálculo da média de correlações inter-itens que se encontram dentro do intervalo recomendando entre .15 e .50 (Streiner et al., 2015).

Para avaliar as atitudes legitimadoras de violência no namoro, utilizou-se a Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro (EAVN), versão original de Price e colaboradores (1999), tradução e adaptação portuguesa por Saavedra e colaboradoras (2008). É uma escala de autorrelato, composta por 76 itens, dirigida a jovens dos 12 aos 19 anos de idade, que se subdivide em seis subescalas de atitudes legitimadoras de violência no namoro: 1) violência psicológica masculina (VPM; 15 itens, e.g. – Não existe nenhuma razão para um rapaz insultar a namorada); 2) violência física masculina (VFM; 12 itens, e.g. – Algumas raparigas merecem levar uma bofetada dos namorados); 3) violência psicológica feminina (VPF; 13 itens, e.g. –

Não existe nenhuma razão para uma rapariga insultar o namorado); 4) violência física feminina (VFF; 12 itens, e.g. – Alguns rapazes merecem levar uma bofetada das namoradas). Existem duas outras subescalas relativas à violência sexual (12 itens para cada uma das subescalas dependendo do género), que não foram incluídas neste estudo. As subescalas utilizadas dizem respeito a duas formas de violência na intimidade juvenil – psicológica e física – conforme o nível de legitimação de cada uma das formas e/ou de tolerância perpetrada pelo género masculino ou feminino. É uma escala de resposta de tipo *Likert* com pontuações que variam entre 1 (discordo totalmente) e 5 (concordo totalmente). Neste estudo, foram agrupadas as subescalas da VPM e VPF numa única escala de Atitudes Legitimadoras de Violência Psicológica, assim como as subescalas da VFM e VFF numa escala apenas de Atitudes Legitimadoras de Violência Física. As dimensões apresentam bons a ótimos valores de consistência interna, sendo que as Atitudes Legitimadoras de Violência Psicológica apresentam um $\alpha = .87$ e as Atitudes Legitimadoras de Violência Física apresentam um $\alpha = .91$ (Pallant, 2011).

Para avaliar os traços de personalidade, utilizou-se a escala Mini International Personality Item Pool (Mini-IPIP), versão breve original de Donnellan e colaboradores (2006) e adaptação portuguesa por Oliveira (2019). É uma escala de autorrelato, composta por 20 itens, dirigida inicialmente à população universitária, embora já tenha sido utilizada em amostras de adolescentes a partir dos 13 anos com o intuito de analisar a relação entre os traços de personalidade e a média escolar no estudo de Downey e colaboradores (2014) e mais recentemente por Ďuricová e Poliach (2023) em jovens adolescentes a partir dos 15 anos com o objetivo de aprofundar o conhecimento da relação entre os traços de personalidade e o uso excessivo das redes sociais. A escala é composta por cinco dimensões (com base no modelo dos cinco fatores da personalidade de Costa & McCrae, 2000), quatro itens por cada dimensão: 1) Extroversão (e.g. Sou a vida de uma festa), 2) Imaginação/Intelecto (também designado por Abertura à experiência; e.g. Tenho uma imaginação vívida), 3) Conscienciosidade (e.g. Gosto de ordem), 4) Neuroticismo (e.g. Fico preocupado/a com facilidade) e 5) Amabilidade (e.g. Não estou realmente interessado/a nos outros). A escala de resposta é do tipo *Likert* com pontuações que variam entre 0 (discordo plenamente) a 4 (concordo plenamente). Para a realização deste estudo, apenas foram utilizadas as duas últimas dimensões, o neuroticismo e a amabilidade. De acordo com a ordem de apresentação, as dimensões revelam, neste estudo, a seguinte consistência interna: $\alpha = .56$, $\alpha = .68$. Apesar de questionáveis (Pallant, 2011), a média

de correlações inter-itens encontra-se dentro do intervalo recomendado pela literatura (Streiner et al., 2015), com .24 para a amabilidade e .34 para o neuroticismo.

Procedimentos

Recolha de dados

Foi solicitada autorização dos autores dos instrumentos para a sua utilização no presente estudo. Após elaboração do questionário sociodemográfico, o protocolo de investigação foi organizado incluindo um formulário de consentimento informado a preencher pelos participantes e pelos seus pais. O estudo e o protocolo de investigação foram submetidos para apreciação da Comissão de Ética da Universidade da Madeira, tendo obtido parecer favorável (n.º de identificação 10084399).

Como critério de inclusão, o presente estudo considerou a faixa etária dos 14 aos 19 anos. Este intervalo abrange, por um lado, o início da adolescência média, cuja fase a maioria dos jovens começa a vivenciar relações românticas de maior envolvimento com o parceiro da díade em detrimento de um menor envolvimento com o grupo de amigos e com mudanças significativas na escolha de parceiros e na forma como percebem proximidade e apoio nessas interações (Furman & Rose, 2015). Por outro lado, os 19 anos marcam, sensivelmente, o fim da adolescência, designada pela literatura como adolescência tardia (Collins et al., 2009).

O método *bola de neve* (Handcock & Gile, 2011) foi utilizado para o recrutamento dos participantes: o estudo foi divulgado através das redes sociais dos investigadores, tendo sido dirigidos também pedidos de autorização para proceder à recolha de dados junto da Direção Regional de Educação (D.R.E.) da R.A.M. e do Serviço Regional de Saúde da Região Autónoma da Madeira (SESARAM). Os participantes foram recrutados em dois contextos: escolar e clínico (cuidados de saúde primários). Porém, após a realização de testes estatísticos para comparar ambos os grupos, não foram identificadas diferenças significativas entre eles. Por esse motivo, os grupos não foram diferenciados nas análises deste estudo.

Antes de ser aplicado o protocolo de investigação, foram entregues os consentimentos informados junto dos participantes e, quando aplicável (*i.e.*, menores de idade), a solicitação da autorização dos responsáveis legais dos adolescentes, indicando os objetivos gerais da investigação e a sua finalidade. A colaboração foi anónima, confidencial e voluntária, sem qualquer recompensa pela participação, cumprindo os princípios éticos dispostos no Código

Deontológico da Ordem dos Psicólogos Portugueses. Os documentos de consentimento informado encontram-se nos Anexos A e B.

Análise de dados

Uma vez recolhidos os dados, foram inseridos e tratados recorrendo ao *software IBM-SPSS* versão 28.0.

Para a caracterização sociodemográfica e a análise das variáveis relacionadas com a prevalência de violência no namoro e as atitudes legitimadoras dessa violência, recorreu-se a técnicas de estatística descritiva. Com o intuito de traduzir as médias contínuas para categorias interpretáveis, foram desenvolvidas categorizações específicas, alinhadas com as escalas originais dos instrumentos utilizados.

Para a análise de prevalência de violência no namoro, os itens da escala CADRI-S, que originalmente variavam de 0 a 3 (0 = Nunca, 1 = Poucas Vezes, 2 = Algumas Vezes e 3 = Muitas vezes), foram dicotomizados. Esta transformação permitiu distinguir entre a ausência e a presença do fenómeno. Assim, a categoria “0” foi mantida e renomeada como “Nunca ocorreu”, enquanto as categorias “1”, “2” e “3” foram agrupadas em uma única categoria, representada como “Já ocorreu”, de forma a captar a existência do fenómeno independentemente da frequência de ocorrência. Desta forma, evita-se a categorização simplista de valores próximos de zero como “Nunca ocorreu”, reconhecendo nuances importantes no comportamento violento, ainda que em baixa frequência. Nesta leitura, reconheceu-se que valores superiores a zero, mesmo que baixos (e.g., 0.2 ou 0.4), refletem alguma presença de comportamentos violentos. Este procedimento visou facilitar a análise descritiva ao se focar na prevalência da experiência de violência, ao invés da sua intensidade ou frequência, assegurando maior sensibilidade na interpretação dos dados.

Para as atitudes legitimadoras de violência no namoro, avaliadas numa escala de 1 a 5 do EAVN, foi realizada uma nova categorização dos valores originais, mas agrupando as categorias de forma a preservar a essência da escala. Desta forma, as respostas “1” (discordo totalmente) e “2” (discordo) foram unificadas em uma única categoria, representada como “Discorda” (Discordante de Atitudes Legitimadoras); a categoria “3” (não concordo nem discordo) foi mantida isoladamente como “Neutra” (Não concorda nem discorda de Atitudes Legitimadoras); e as respostas “4” (concordo) e “5” (concordo totalmente) foram agrupadas

em uma outra categoria, representada como “Concorda” (Concordante com Atitudes Legitimadoras). Os intervalos para as médias foram redefinidos da seguinte forma: valores entre 1 e 2.49 foram categorizados como “Discorda”; valores entre 2.50 e 3.49 como “Neutra”; e valores entre 3.50 e 5 como “Concorda”. Este método permitiu uma transição entre categorias, respeitando a equidistância dos pontos da escala original e minimizando distorções na análise do grau de concordância ou discordância dos participantes, o que assegurou que cada média fosse representando proporcionalmente. Esta categorização proposta sintetizou os dados de maneira clara e acessível, mantendo a fidelidade às interpretações subjacentes à escala original e permitindo uma análise mais direta das tendências gerais nas atitudes legitimadoras de violência no namoro.

No que concerne à inclusão dos participantes, destaca-se que, na análise da violência no namoro, foram considerados apenas os adolescentes que estavam numa relação amorosa ou que, não estando atualmente, já tivessem tido uma experiência de namoro, uma vez que o instrumento utilizado (CADRI-S) pressupõe experiência de relacionamentos amorosos para a recolha de dados ser válida. Em contrapartida, para a análise das atitudes legitimadoras de violência no namoro, foram incluídos todos os adolescentes, independentemente da sua experiência de namoro, ampliando a abrangência da amostra nesta dimensão. Este conjunto de procedimentos procurou garantir uma análise descritiva que assegurasse que os dados fossem tratados de forma precisa, mas sensível às especificidades das variáveis em estudo.

A análise da consistência interna dos instrumentos utilizados foi calculada através do coeficiente de *alfa* (α) de *Cronbach* (Pallant, 2011). Contudo, os valores do *alfa* de *Cronbach* são sensíveis ao número de itens (< 10), por isso, quando necessário, recorreu-se à análise da média das correlações inter-itens, considerando o intervalo recomendado de .15 a .50 (Streiner et al., 2015).

Para a realização das análises de estatística inferencial, foi utilizado o método de estatística paramétrica. Foram avaliados os pressupostos necessários para a sua aplicação e, quando o pressuposto da normalidade não foi atendido, aplicou-se o Teorema do Limite Central, que sugere que, em amostras com tamanho suficiente ($N > 30$), as médias tendem a seguir uma distribuição normal (Marôco, 2011). As comparações entre os grupos, com o objetivo de identificar diferenças nas médias das variáveis dependentes (tipos e direções da violência no namoro) em função das variáveis sociodemográficas categóricas (género, idade,

orientação sexual, ano de escolaridade e situação relacional), foram realizadas por meio do teste *t* para duas amostras independentes (Marôco, 2011). Adicionalmente, os tamanhos de efeito dos testes *t* realizados neste estudo foram calculados com base no *d* de *Cohen* (Pallant, 2011). Para explorar as relações entre as variáveis contínuas, designadamente, a perpetração e a vitimização de violência no namoro, as atitudes legitimadoras de violência psicológica e física e os traços neuroticismo e amabilidade, foi realizada uma análise correlacional usando o coeficiente de *Pearson*, que ajudou a determinar a direção e a força das associações entre as variáveis. Este procedimento tem como objetivo entender as relações lineares entre as variáveis investigadas. Por fim, para estabelecer relações preditivas entre as variáveis, foi realizada uma análise de regressão hierárquica múltipla. Este método permite avaliar a contribuição de diferentes blocos de variáveis independentes para a variância explicada da variável dependente, controlando o efeito de outras variáveis. No primeiro bloco, foram introduzidos os traços de personalidade neuroticismo e amabilidade e, no segundo bloco, as atitudes legitimadoras de violência psicológica e física no namoro. A análise de regressão foi realizada apenas para a perpetração de violência no namoro, uma vez que, nas correlações, não se encontrou uma relação significativa entre as atitudes legitimadoras de violência no namoro e a vitimização. A ausência da correlação com significância estatística impediu a construção de um modelo preditivo para a variável dependente vitimização na violência no namoro.

Parte III – Resultados

Objetivo 1: Descrever a prevalência e caracterizar as atitudes legitimadoras de violência no namoro

Verifica-se que 57.3% ($n = 165$) dos adolescentes já cometeu alguma forma de violência no namoro nos últimos 12 meses. No sentido inverso, numa percentagem ligeiramente superior, 58.9% ($n = 168$) dos adolescentes reporta já ter sido vítima de alguma forma de violência no namoro no último ano.

Em relação às subescalas, começando pelas escalas da perpetração de violência no namoro, 6.1% ($n = 18$) reporta ter cometido perpetração física; 8.4% ($n = 25$) reporta ter cometido perpetração em forma de ameaça; 6.4% ($n = 19$) refere ter cometido perpetração relacional; 56.3% ($n = 166$) reporta ter perpetrado verbal ou emocionalmente; e 2.4% ($n = 7$) indica já ter perpetrado sexualmente. Acerca da vitimização de violência no namoro, 6.1% ($n = 18$) dos adolescentes reporta já ter sido vítima de violência física; 11.4% ($n = 34$) reporta já ter sido vítima de ameaças no namoro; 15.7% ($n = 46$) reporta já ter sido vítima de violência relacional; 10.7% ($n = 32$) indica já ter sido vítima de violência sexual; por último, à semelhança da perpetração onde se destaca pela maior expressividade, 57% ($n = 169$) dos adolescentes indica já ter sido vítima de violência verbal ou emocional.

A análise percentual dos tipos e direção das escalas, bem como os respetivos valores de mínimo e máximo podem ser consultados na Tabela 2.

Tabela 2

Estatísticas descritivas da prevalência de violência no namoro por tipo e direção

| Tipos e direção de violência no namoro | Nunca ocorreu ^a | | Já ocorreu ^b | | Total | | Mínimo (0) | Máximo (3) |
|--|----------------------------|------|-------------------------|------|----------|-----|------------|------------|
| | <i>n</i> | % | <i>n</i> | % | <i>N</i> | % | | |
| Perpetração global | 123 | 42.7 | 165 | 57.3 | 288 | 100 | 0 | 1.5 |
| Perpetração física | 279 | 93.9 | 18 | 6.1 | 297 | 100 | 0 | 1.5 |
| Perpetração relacional | 276 | 93.6 | 19 | 6.4 | 295 | 100 | 0 | 2 |
| Perpetração verbal/emocional | 129 | 43.7 | 166 | 56.3 | 295 | 100 | 0 | 3 |
| Perpetração ameaçadora | 272 | 91.6 | 25 | 8.4 | 297 | 100 | 0 | 2.5 |
| Perpetração sexual | 290 | 97.6 | 7 | 2.4 | 297 | 100 | 0 | 1 |
| Vitimização global | 117 | 41.1 | 171 | 58.9 | 285 | 100 | 0 | 2.2 |
| Vitimização física | 276 | 93.9 | 18 | 6.1 | 294 | 100 | 0 | 2 |
| Vitimização relacional | 247 | 84.3 | 46 | 15.7 | 293 | 100 | 0 | 3 |
| Vitimização verbal/emocional | 128 | 43 | 169 | 57 | 297 | 100 | 0 | 3 |
| Vitimização ameaçadora | 263 | 88.6 | 34 | 11.4 | 297 | 100 | 0 | 3 |
| Vitimização sexual | 266 | 89.3 | 32 | 10.7 | 298 | 100 | 0 | 2 |

Nota. *N* reflete a frequência absoluta de respondentes consoante o tipo e direção da violência no namoro, em relação ao Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes versão breve (CADRI-S). *n* reflete a frequência relativa dos respondentes de cada um dos tipos e direção da violência no namoro do mesmo instrumento;

^a Nunca ocorreu = 0;

^b Já ocorreu = 0.1 a 3.

Quanto às atitudes legitimadoras de violência no namoro, especificamente sobre a violência psicológica, verifica-se que apenas 0.3% ($n = 1$) legitima este tipo de atitude violenta, enquanto a maioria (91.3%, $n = 360$) discorda ou discorda totalmente deste tipo de atitudes. Por outro lado, não se verificaram atitudes concordantes com violência física, enquanto 93.8% ($n = 374$) discorda ou discorda totalmente destas atitudes.

Tabela 3

Estatísticas descritivas das atitudes legitimadoras de violência no namoro

| Tipos de Atitudes legitimadoras de violência no namoro | Discorda ^a | Neutra ^b | Concorda ^c | Total | | Mínimo | Máximo |
|---|-----------------------|---------------------|-----------------------|----------|-----|--------|--------|
| | % | % | % | <i>N</i> | % | (1) | (5) |
| Atitudes legitimadoras de violência psicológica no namoro | 91.3 | 8.4 | 0.3 | 394 | 100 | 1 | 3.57 |
| Atitudes legitimadoras de violência física no namoro | 93.8 | 6.2 | - | 397 | 100 | 1 | 3.33 |

Nota. ^a Discorda (Discordante de Atitudes Legitimadoras) = 1 a 2.49;

^b Neutra (Não Concorda Nem Discorda de Atitudes Legitimadoras) = 2.50 a 3.49;

^c Concorda (Concordante com Atitudes Legitimadoras) = 3.50 a 5.

Objetivo 2: Comparar a violência no namoro e atitudes legitimadoras entre adolescentes, considerando as diferenças em função da fase da adolescência e do género

Objetivo 2.1: Comparar a violência no namoro e as atitudes legitimadoras entre os jovens da adolescência média (dos 14 aos 17 anos) e os da adolescência tardia (dos 18 aos 19 anos)

Há uma tendência para as médias, de um modo geral, serem superiores entre os jovens da adolescência média comparativamente aos da adolescência tardia, como se pode constatar na diferença marginalmente significativa na vitimização global, $t(158.64) = 1.95$, $p = .053$, com os adolescentes mais novos a pontuarem médias superiores ($M = .18$, $DP = .64$) comparativamente aos mais velhos ($M = .06$, $DP = .30$), ainda que o tamanho de efeito seja pequeno ($d = .26$). Todavia, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas nos tipos de violência no namoro tanto na direção de perpetração quanto na direção de vitimização entre os dois grupos etários ($p > .05$).

Tabela 4

Comparação de médias dos tipos e da direção da violência no namoro entre jovens da adolescência média e tardia

| | 14-17 anos | | | 18-19 anos | | | $t(df)$ | p | d | I.C. a 95% |
|------------------|------------|------|-----|------------|------|-----|--------------|------|------|---------------|
| | M | DP | n | M | DP | n | | | | |
| Perpetração | | | | | | | | | | |
| Global | 1.51 | 2.54 | 119 | 1.38 | 1.87 | 169 | .52(286) | .607 | .06 | [-.173; .296] |
| Física | .12 | .49 | 124 | .07 | .32 | 173 | 1.03(195.63) | .302 | .13 | [-.101; .361] |
| Ameaçadora | .19 | .73 | 124 | .11 | .45 | 173 | 1.13(189.43) | .259 | .14 | [-.087; .374] |
| Sexual | .06 | .29 | 124 | .01 | .11 | 173 | 1.63(146.67) | .106 | .22 | [-.014; .448] |
| Relacional | .12 | .58 | 123 | .13 | .52 | 172 | -.18(293) | .855 | -.02 | [-.253; .210] |
| Verbal/Emocional | 1.01 | 1.21 | 123 | 1.04 | 1.19 | 172 | -.23(293) | .819 | -.03 | [-.259; .204] |
| Vitimização | | | | | | | | | | |
| Global | 2.12 | 3.42 | 117 | 2.01 | 2.88 | 168 | .30(283) | .762 | .04 | [-.200; .273] |
| Física | .18 | .64 | 122 | .06 | .30 | 172 | 1.95(158.64) | .053 | .26 | [.025; .491] |
| Ameaçadora | .26 | .78 | 124 | .16 | .58 | 173 | 1.14(222.06) | .255 | .14 | [-.091; .371] |
| Sexual | .19 | .58 | 124 | .17 | .61 | 174 | .19(296) | .852 | .02 | [-.208; .252] |
| Relacional | .45 | 1.19 | 122 | .33 | .99 | 171 | .92(291) | .357 | .11 | [-.123; .342] |
| Verbal/Emocional | 1.20 | 1.49 | 124 | 1.33 | 1.59 | 173 | -.70(295) | .482 | -.08 | [-.313; .148] |

Nota. 14-17 anos reflete o grupo da adolescência média e 18-19 anos o grupo da adolescência tardia. Os graus de liberdade (df) indicados entre parêntesis ao lado dos valores de t refletem os diferentes tamanhos de grupo nas análises. Sempre que o pressuposto da homogeneidade de variâncias não foi cumprido, utilizou-se o teste t de *Welch*, cujos graus de liberdade são ajustados para considerar as diferenças nas variâncias entre os grupos.

Verificou-se que, relativamente às atitudes legitimadoras de violência psicológica, existe uma diferença estatisticamente significativa entre os jovens da adolescência média ($M = 51.89$, $DP = 13.47$) e os da adolescência tardia ($M = 46.61$, $DP = 11.96$), $t(392) = 4.13$, $p <$

.001. O tamanho de efeito é moderado por estar próximo do limite inferior da classificação moderada de *Cohen* ($d = .42$) com o *I.C.* a 95% (.216 a .615). Neste sentido, os dados demonstram que os adolescentes com idades compreendidas entre os 14 e 17 anos tendem a demonstrar atitudes mais legitimadoras de violência psicológica comparativamente aos adolescentes com 18 e 19 anos.

Também se verificou uma diferença estatisticamente significativa entre os jovens da adolescência média ($M = 39.44$, $DP = 13.71$) e os da adolescência tardia ($M = 33.97$, $DP = 11.14$), $t(375.20) = 4.36$, $p < .001$, quanto às atitudes legitimadoras de violência física. O tamanho de efeito é moderado por estar próximo do limite inferior ($d = .44$) com o *I.C.* a 95% (.239 a .638). Este resultado indica que os jovens que se encontram na adolescência média tendem a demonstrar atitudes mais legitimadoras de violência física em comparação com os jovens que se encontram na adolescência tardia (cf. Tabela 5).

Tabela 5

Comparação de médias das atitudes legitimadoras de violência psicológica e física no namoro em função dos grupos da adolescência média e da adolescência tardia

| | 14-17 anos | | | 18-19 anos | | | <i>t</i> (<i>df</i>) | <i>p</i> | <i>d</i> | <i>I.C.</i> a 95% |
|---|------------|-----------|----------|------------|-----------|----------|------------------------|----------|----------|-------------------|
| | <i>M</i> | <i>DP</i> | <i>n</i> | <i>M</i> | <i>DP</i> | <i>n</i> | | | | |
| Atitudes legitimadoras de violência psicológica | 51.89 | 13.47 | 193 | 46.61 | 11.96 | 201 | 4.12(392) | <.001* | .42 | [.216; .615] |
| Atitudes legitimadoras de violência física | 39.44 | 13.71 | 196 | 33.97 | 11.14 | 201 | 4.36(375.20) | <.001* | .44 | [.239; .638] |

Nota. 14-17 anos reflete o grupo da adolescência média e 18-19 anos o grupo da adolescência tardia. Os graus de liberdade (*df*) indicados entre parêntesis ao lado dos valores de *t* refletem os diferentes tamanhos de grupo nas análises. Sempre que o pressuposto da homogeneidade de variâncias não foi cumprido, utilizou-se o teste *t* de *Welch*, cujos graus de liberdade são ajustados para considerar as diferenças nas variâncias entre os grupos;

* $p < .001$.

Objetivo 2.2: Comparar a violência no namoro e as atitudes legitimadoras entre rapazes e raparigas.

Constatou-se uma diferença estatisticamente significativa nos níveis de perpetração sexual, $t(93) = 2.57, p < .05$, entre os adolescentes do género masculino ($M = .96, DP = .36$) e os do género feminino ($M = .00, DP = .00$), isto é, o género masculino reportou maiores níveis de perpetração sexual comparativamente ao género feminino. A dimensão de efeito é moderada por estar próxima do limite inferior ($d = .47$) com o *I.C.* a 95% (.222 a .718).

Também foi possível apurar uma diferença estatisticamente significativa nos níveis de perpetração relacional, $t(116.04) = 2.06, p < .05$, entre os adolescentes do género masculino ($M = .25, DP = .76$) e os do género feminino ($M = .08, DP = .39$), ou seja, o género masculino reportou em média maiores níveis de perpetração relacional em comparação com o género feminino. A dimensão de efeito é pequena ($d = .32$) com o *I.C.* a 95% (.072 a .567).

Verificou-se, ainda, que há uma diferença estatisticamente significativa nos níveis de perpetração verbal/emocional, $t(291) = -2.12, p < .05$ entre os adolescentes do género masculino ($M = .82, DP = 1.05$) e os adolescentes do género feminino ($M = 1.13, DP = 1.26$), portanto, o género feminino reportou maiores níveis de perpetração verbal/emocional relativamente ao género masculino. A dimensão de efeito é pequena ($d = -.27$) com o *I.C.* a 95% (-.515 a -.019).

Quanto às outras formas de perpetração e vitimização, não houve quaisquer diferenças significativas entre os géneros masculino e feminino ($p > .05$). A informação mais completa pode ser consultada na Tabela 6.

Tabela 6

Comparação de médias dos tipos e direção da violência no namoro em função dos géneros masculino e feminino

| | Masculino | | | Feminino | | | <i>t(df)</i> | <i>p</i> | <i>d</i> | <i>I.C. a 95%</i> |
|------------------|-----------|-----------|----------|----------|-----------|----------|---------------|----------|----------|-------------------|
| | <i>M</i> | <i>DP</i> | <i>n</i> | <i>M</i> | <i>DP</i> | <i>n</i> | | | | |
| Perpetração | | | | | | | | | | |
| Global | 1.39 | 2.63 | 91 | 1.46 | 1.93 | 196 | -.23(285) | .818 | -.03 | [-.278; .219] |
| Física | .08 | .39 | 93 | .09 | .39 | 202 | -.476(293) | .635 | -.06 | [-.305; .186] |
| Ameaçadora | .14 | .70 | 93 | .15 | .53 | 202 | -.119(293) | .906 | -.02 | [-.260; .231] |
| Sexual | .09 | .36 | 94 | .00 | .00 | 201 | 2.57(93.00) | .012* | .47 | [.222; .718] |
| Relacional | .25 | .76 | 93 | .07 | .39 | 201 | 2.06(116.04) | .042* | .32 | [.072; .567] |
| Verbal/Emocional | .82 | 1.05 | 92 | 1.13 | 1.26 | 201 | -2.12(291) | .035* | -.27 | [-.515; -.019] |
| Vitimização | | | | | | | | | | |
| Global | 1.75 | 2.49 | 91 | 2.21 | 3.36 | 193 | -1.16(282) | .246 | .15 | [-.397; .102] |
| Física | .13 | .49 | 92 | .10 | .47 | 200 | .51(290) | .614 | .06 | [-.183; .310] |
| Ameaçadora | .14 | .43 | 92 | .23 | .78 | 203 | -1.27(280.63) | .204 | -.13 | [-.377; .116] |
| Sexual | .15 | .49 | 94 | .19 | .64 | 202 | -.59(294) | .555 | -.07 | [-.318; .171] |
| Relacional | .29 | .78 | 94 | .43 | 1.19 | 198 | -1.22(263.82) | .223 | -.13 | [-.378; .114] |
| Verbal/Emocional | 1.08 | 1.30 | 93 | 1.38 | 1.64 | 202 | -1.72(220.91) | .087 | -.19 | [-.444; .048] |

Nota. Os graus de liberdade (*df*) indicados entre parêntesis ao lado dos valores de *t* refletem os diferentes tamanhos de grupo nas análises. Sempre que o pressuposto da homogeneidade de variâncias não foi cumprido, utilizou-se o teste *t* de *Welch*, cujos graus de liberdade são ajustados para considerar as diferenças nas variâncias entre os grupos;

**p* < .05.

Verificou-se uma diferença estatisticamente significativa, $t(195.07) = 4.65, p < .001$, entre os adolescentes do género masculino ($M = 53.92, DP = 15.21$) e os do género feminino ($M = 46.91, DP = 11.12$), quanto às atitudes legitimadoras de violência psicológica no namoro. A dimensão de efeito é moderada ($d = .56$) com o *I.C.* a 95% (.341 a .771). Estes resultados revelam que o género masculino, ainda que com maior variabilidade do que o género feminino como se verifica no desvio-padrão, tende a ter atitudes mais legitimadoras de violência psicológica do que o género feminino.

Também foi possível apurar que, relativamente às atitudes legitimadoras de violência física no namoro, entre os adolescentes do género masculino ($M = 40.44, DP = 15.02$) e os do género feminino ($M = 34.77, DP = 11.05$), há diferenças estatisticamente significativas, $t(204.38) = 3.85, p < .001$. O tamanho de efeito é moderado por estar próximo do limite inferior ($d = .45$) com o *I.C.* a 95% (.241 a .664). Estes dados indicam que, embora haja uma maior variabilidade nas suas atitudes, os adolescentes do género masculino tendem a demonstrar atitudes mais legitimadoras de violência física do que o género feminino (cf. Tabela 7).

Tabela 7

Comparação de médias das atitudes legitimadoras de violência psicológica e física no namoro em função dos géneros masculino e feminino

| | Masculino | | | Feminino | | | <i>t(df)</i> | <i>p</i> | <i>d</i> | <i>I.C.</i> a 95% |
|---|-----------|-----------|----------|----------|-----------|----------|--------------|----------|----------|-------------------|
| | <i>M</i> | <i>DP</i> | <i>n</i> | <i>M</i> | <i>DP</i> | <i>n</i> | | | | |
| Atitudes legitimadoras de violência psicológica | 53.92 | 15.21 | 128 | 46.91 | 11.12 | 264 | 4.65(195.07) | <.001* | .56 | [.341; .771] |
| Atitudes legitimadoras de violência física | 40.44 | 15.02 | 132 | 34.77 | 11.05 | 263 | 3.85(204.38) | <.001* | .45 | [.241; .664] |

Nota. Os graus de liberdade (*df*) indicados entre parêntesis ao lado dos valores de *t* refletem os diferentes tamanhos de grupo nas análises. O pressuposto da homogeneidade de variâncias não foi cumprido, pelo que se optou pela utilização do teste *t* de *Welch*, cujos graus de liberdade foram ajustados para considerar as diferenças nas variâncias entre os grupos;

* $p < .001$.

Objetivo 3: Analisar a relação entre traços de personalidade, atitudes legitimadoras e violência no namoro

As análises das correlações de *Pearson* permitiram verificar as seguintes relações estatisticamente significativas (cf. Tabela 8):

- a) Verificou-se uma correlação significativa, positiva e forte ($r = .572, n = 281, p < .001$), entre perpetração e vitimização de violência no namoro, o que sugere que os adolescentes que exercem maiores níveis de perpetração também tendem a relatar maiores níveis de vitimização;
- b) Constatou-se uma correlação significativa e positiva entre perpetração e atitudes legitimadoras de violência psicológica, cuja correlação é moderada ($r = .314, n = 277, p < .001$), isto é, quanto maior é a legitimação de violência psicológica por parte dos adolescentes maior será a sua tendência para a perpetração de violência no namoro. O mesmo se verificou entre perpetração global e atitudes de legitimação de violência física ($r = .386, n = 278, p < .001$), ou seja, quanto maior for a legitimação de violência física maiores serão os níveis de perpetração de violência;
- c) Registou-se uma correlação significativamente positiva e forte entre atitudes legitimadoras de violência psicológica e atitudes legitimadoras de violência física ($r = .766, n = 387, p < .001$), o que revela que os adolescentes que legitimam violência psicológica também legitimam violência física;
- d) Ainda que fraca, verificou-se uma correlação positiva e significativa entre neuroticismo e perpetração ($r = .164, n = 284, p = .006$), o que sugere que os adolescentes com níveis mais altos de neuroticismo estão associados a maiores níveis de perpetração de violência no namoro. Por outro lado, constatou-se uma correlação, apesar de fraca, negativa e significativa entre amabilidade e perpetração ($r = -.142, n = 283, p = .017$), o que revela que os adolescentes com maiores níveis de amabilidade tendem a ter níveis mais baixos de perpetração de violência no namoro;
- e) Há uma correlação significativamente positiva entre neuroticismo e vitimização, cuja correlação é moderada por estar próxima do limite inferior da classificação moderada sugerida por *Cohen* ($r = .246, n = 281, p < .001$), o que revela que os adolescentes com maiores níveis de neuroticismo tendem a relatar níveis mais altos de vitimização;
- f) Na relação entre traços, há uma correlação significativa e positiva entre amabilidade e neuroticismo, apesar de fraca ($r = .212, n = 401, p < .001$), o que sugere que os

adolescentes que pontuem maiores níveis de amabilidade tendem a reportar maiores níveis de neuroticismo;

- g) Por último, constatou-se uma correlação significativamente negativa e moderada entre amabilidade e atitudes legitimadoras de violência psicológica ($r = -.302, n = 390, p < .001$), o que sugere que os adolescentes com maiores níveis de amabilidade estão associados a menores níveis de legitimação de violência psicológica no namoro. De igual modo, verificou-se uma correlação significativamente negativa entre amabilidade e atitudes legitimadoras de violência física, ainda que próxima do limite da classificação moderada ($r = -.269, n = 394, p < .001$), o que revela que os adolescentes que pontuem mais alto na amabilidade estão associados a menores níveis de legitimação de violência física.

Tabela 8

Correlações entre a violência no namoro, atitudes legitimadoras de violência no namoro e traços neuroticismo e amabilidade

| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
|-----------------|---------|-------------------|----------|----------|---------|---|
| 1. Perpetração | - | | | | | |
| 2. Vitimização | .572*** | - | | | | |
| 3. A. L. V. P. | .314*** | .010 | - | | | |
| 4. A. L. V. F. | .386*** | .116 ^a | .766*** | - | | |
| 5. Neuroticismo | .164** | .246*** | .004 | .037 | - | |
| 6. Amabilidade | -.142* | .031 | -.302*** | -.269*** | .212*** | - |

Nota. 1 – Perpetração Global; 2 – Vitimização Global; 3 – Atitudes Legitimadoras de Violência Psicológica; 4 – Atitudes Legitimadoras de Violência Física; 5 – Neuroticismo; 6 – Amabilidade;

^a = Correlação marginalmente significativa ($p = .054$);

*** $p < .001$;

** $p < .01$;

* $p < .05$.

Objetivo 4: Determinar como as atitudes legitimadoras de violência psicológica e física predizem a perpetração de violência no namoro, depois de controlada a influência dos traços neuroticismo e amabilidade

Uma regressão hierárquica múltipla foi utilizada para avaliar a capacidade de as atitudes legitimadoras de violência no namoro, tanto psicológicas quanto físicas, predizerem a

perpetração de violência no namoro, depois de controlada a influência dos traços neuroticismo e da amabilidade (cf. Tabelas 9 e 10). Com efeito, colocaram-se os traços no primeiro bloco de análise da regressão, cujas variáveis explicaram cerca de 6% da variância na perpetração. Após a entrada das atitudes legitimadoras de violência psicológica e física no namoro no segundo bloco, o total da variância explicada foi de 16%, $F(4, 266) = 12.79, p < .001$. As duas variáveis atitudinais explicaram uma variância adicional de 10% na perpetração, depois de controlada a influência dos traços (Mudança do R quadrado = .99, Mudança do $F(2, 266) = 15.72, p < .001$). No modelo final, apesar do incremento na variância explicada pelas quatro variáveis na perpetração, apenas o neuroticismo e as atitudes legitimadoras de violência psicológica apresentaram contribuições estatisticamente significativas, com $p < .001$ e $p = .033$, respetivamente. As atitudes legitimadoras de violência física apresentaram uma contribuição marginalmente significativa ($p = .054$), contudo, a amabilidade perdeu a sua significância estatística no segundo modelo ($p = .332$). O neuroticismo apresentou o maior valor de beta ($\beta = .204, p < .001$), seguido pelas atitudes legitimadoras de violência psicológica ($\beta = .186, p = .033$) e, de forma aproximada a estas, das atitudes legitimadoras de violência física ($\beta = .166, p = .054$), ficando, por último, a amabilidade ($\beta = -.059, p = .332$).

Tabela 9

Resumo do modelo hierárquico de regressão múltipla para a perpetração de violência no namoro com as variáveis predictoras atitudes legitimadoras de violência psicológica e física e traços neuroticismo e amabilidade

| Resumo dos modelos hierárquicos de regressão múltipla ^c | | | | | Mudanças incrementais na variância explicada entre os modelos | | | | |
|--|-------|----------------|-------|--------|---|------------|--------|--------|------------|
| Modelo | R^2 | R^2 ajustado | F | p | ΔR^2 | ΔF | df^d | df^e | Δp |
| 1 ^a | .062 | .055 | 8.90 | < .001 | .062 | 8.90 | 2 | 268 | < .001* |
| 2 ^b | .161 | .149 | 12.79 | < .001 | .099 | 15.72 | 2 | 266 | < .001* |

Nota. ^a Preditores: neuroticismo e amabilidade; ^b Preditores: neuroticismo, amabilidade, atitudes legitimadoras de violência psicológica e física; ^c Variável dependente: perpetração global; ^d Graus de liberdade do numerador: referem-se ao número de preditores incluídos no primeiro modelo e adicionados no segundo modelo; ^e Graus de liberdade do denominador: correspondem ao tamanho ajustado de respostas da variável dependente menos o número total de preditores em cada modelo menos 1 (constante), ou seja, $n - k - 1$; * $p < .001$

Tabela 10

Coefficientes de regressão para o modelo hierárquico de predição de perpetração de violência no namoro

| Modelos hierárquicos múltiplos | | B^a | β^b | t | p |
|--------------------------------|--------------------------|--------|-----------|--------|-------------------|
| Modelo 1 | Constante | 1.312 | | 2.393 | .017* |
| | Neuroticismo | .615 | .234 | 3.847 | < .001** |
| | Amabilidade | -.444 | -.157 | -2.585 | .010* |
| Modelo 2 | Constante | -1.793 | | -2.290 | .023* |
| | Neuroticismo | .537 | .204 | 3.512 | < .001** |
| | Amabilidade | -.166 | -.059 | -.972 | .332 |
| | A. L. V. P. ^c | .030 | .186 | 2.140 | .033* |
| | A. L. V. F. ^d | .029 | .166 | 1.934 | .054 ^e |

Nota. ^a Coeficiente não padronizado; ^b Coeficiente padronizado; ^c Atitudes Legitimadoras de Violência Psicológica; ^d Atitudes Legitimadoras de Violência Física; ^e = Coeficiente das Atitudes Legitimadoras de Violência Física apresenta um efeito marginalmente significativo na variável dependente ($p = .054$); ** $p < .001$; * $p < .05$

Parte IV – Discussão

Este estudo procura aprofundar a prevalência de violência no namoro entre jovens adolescentes, dada a evidência estatística e empírica que tem revelado o seu aumento (Beckmann et al., 2019; Dixe et al., 2020; Dosil et al., 2020; Magalhães et al., 2024; Neves et al., 2018; Portugal et al., 2023), de modo particular na R.A.M. onde a incidência de violência doméstica (3.35 casos por 1000 habitantes) e o seu aumento progressivo ano após ano (incremento de 4.4% relativamente ao ano anterior) é das mais altas de Portugal (SGMAI, 2023).

Os dados globais do presente estudo sugerem que cerca de 57% dos adolescentes já perpetraram contra o parceiro e que quase 59% assumiu já ter experienciado vitimização, durante o último ano. Estes dados são alarmantes tendo em vista que os dados oficiais da SGMAI (2023) apontam que os denunciados têm mais de 25 anos (cerca de 92%) e apenas 0.2% tem menos de 16 anos, enquanto mais de 62% das idades das vítimas têm mais de 25 anos e cerca de 28% tem menos de 16 anos. A contradição encontrada pode ser explicada pelo facto de certas formas de violência, como o controlo ou agressão verbal, serem percecionadas como normais ou aceitáveis dentro das relações, o que reduz a probabilidade de denúncia (Taquette & Monteiro, 2019). Por seu turno, sentimentos de vergonha, medo de represálias ou estigmatização podem impedir que os adolescentes relatem episódios de violência no namoro (Silva et al., 2023).

À semelhança de outros estudos, (Beckmann et al., 2019; Dosil et al., 2020; Exner-Cortens et al., 2021; Foshee et al., 2009; Machado et al., 2010; Magalhães et al., 2024; Mineo et al., 2022; Neves et al., 2023; Rey-Anacona et al., 2022; Sears et al., 2007; Taylor & Mumford, 2016; Ybarra & Langhinrichsen-Rohling, 2019), a violência verbal/emocional é o tipo de violência psicológica que é mais praticada entre os jovens. Embora possa ser encarada como uma forma menos grave de violência, é uma forma de violência que é transversal a todas as outras, uma vez que está na base da escalada de violência no namoro (Krishnakumar et al., 2018).

A violência sexual é menos prevalente do que a violência física na dimensão de perpetração, mas mais prevalente na vitimização. Com efeito, a adolescência é considerada uma fase de particular vulnerabilidade à ocorrência de violência sexual, devido à imaturidade emocional, falta de experiência em relacionamentos e por ser o início da atividade sexual (Caridade & Machado, 2008), características que podem conduzir a uma avaliação menos gravosa e mais desculpabilizadora do comportamento (Dion et al., 2023). A preponderância de

vitimização sexual pode também ser atribuída a uma ausência de uma educação sexual abrangente que limita o conhecimento sobre consentimento e relacionamentos saudáveis (Dion et al., 2023), bem como a uma educação familiar conservadora, caracterizada pelo silêncio ou tabu sobre a temática, que dificultam o reconhecimento e contribuem para o maior risco de abuso (Ziliotto & Marcolan, 2020).

Tal como apontado noutros estudos (Cava et al., 2022; Neves et al., 2021; Schumacher & Slep, 2004; Sears et al., 2007; Ybarra & Langhinrichsen-Rohling, 2019), os adolescentes não demonstram concordância com atitudes legitimadoras de violência no namoro. Contudo, quando se faz uma análise mais detalhada, verifica-se uma certa discrepância entre as atitudes e os comportamentos. Com efeito, embora as atitudes legitimadoras de violência no namoro só tenha merecido concordância de 0.3% dos jovens, e apenas na legitimação de violência psicológica, quase 60% dos jovens indicou já ter perpetrado ou ter sido alvo de violência no último ano, independentemente da frequência. Embora os adolescentes rejeitem, ao nível das atitudes, a violência no namoro, a prática desses comportamentos pode ser compreendida por mecanismos internos de regulação cognitiva, explicação fornecida pela teoria da dissonância cognitiva de Festinger (1957). Esta teoria sugere que, ao praticarem a violência, os adolescentes ajustam as suas crenças para minimizar o desconforto psicológico (e.g., autoconceito ou consequências negativas), causado pela incongruência entre atitudes e comportamentos, frequentemente desculpabilizando os atos com base no contexto (e.g., ato impulsivo, excepcional), na intenção do agressor (e.g., racionalização do ato) e na ausência de consequências graves (e.g., banalização do ato), como apontado na literatura (Capaldi et al., 2012; Cava et al., 2022; Fernández-González et al., 2018; Mattson et al., 2021; Schumacher & Slep, 2004; Silva et al., 2023; Vagi et al., 2013).

Não foram identificadas diferenças estatisticamente significativas na prevalência de violência no namoro entre a adolescência média (14-17 anos) e a tardia (18-19 anos). No entanto, a revisão de Capaldi e colaboradores (2012) sugere que a prevalência é maior em idades mais precoces, diminuindo progressivamente com o avançar da idade. Por sua vez, os jovens da adolescência média revelaram atitudes mais legitimadoras de violência no namoro comparativamente aos da adolescência tardia. Esta diferença pode ser atribuída ao facto de os adolescentes mais novos estarem numa fase de desenvolvimento sociocognitivo e identitário mais incipientes em relação aos adolescentes mais velhos, em que as competências de empatia, regulação emocional, pensamento crítico e julgamento moral não estão tão desenvolvidas

(Collins et al., 2009; Muñoz-Rivas et al., 2022). Além disso, as relações românticas nesta etapa têm menor relevância em comparação com o grupo de pares, que exerce maior influência sobre comportamentos e atitudes (Bowen & Walker, 2015; Furman & Rose, 2015). A menor experiência em relacionamentos amorosos também contribui para a normalização de comportamentos violentos, devido à falta de referências saudáveis e à tendência para banalizar certos tipos de violência (Dosil et al., 2020; Valdivia-Salas et al., 2022).

Os resultados deste estudo sugerem que rapazes e raparigas apresentam valores equivalentes em relação à prevalência de violência no namoro, o que vem salientar a tendência apontada pela literatura de haver uma reciprocidade na violência no namoro entre os dois géneros (Mattson et al., 2021; Muñoz-Rivas et al., 2022; Plouffe et al., 2022; Taquette & Monteiro, 2019; Straus & Scott, 2009). Com efeito, o investimento científico tem contribuído significativamente para a consciencialização social e política acerca da gravidade da violência no namoro, embora, em alguns contextos, foi a pressão social, motivada pelos números alarmantes, que precedeu e impulsionou esse avanço. No caso português, essa consciencialização resultou em mudanças legislativas, como a inclusão da violência entre namorados no artigo 152º do Código Penal, abrangendo casais heterossexuais e homossexuais. Paralelamente, entidades públicas e organizações não governamentais, anteriormente focadas em respostas remediativas às vítimas, têm ampliado esforços preventivos direcionados aos jovens, baseados em evidência científica. Não obstante os esforços realizados, o estudo revela diferenças estatisticamente significativas entre ambos os géneros no que concerne às formas de perpetração sexual, relacional e verbal/emocional, bem como às atitudes legitimadoras de violência no namoro.

No que diz respeito à perpetração sexual, não só a média masculina é superior, como também o género feminino não reporta qualquer forma de violência sexual perpetrada. Na verdade, estes dados vão ao encontro de outros estudos que revelam que, apesar do maior esbatimento da problemática entre os dois géneros, persiste uma tendência para os rapazes recorrerem a esta forma de violência com maior frequência do que as raparigas (Borges et al., 2020; Bowen & Walker, 2015; Karsberg et al., 2018; Muñoz-Rivas et al., 2022; Rey-Anacona et al., 2022; Tomaszewska & Schuster, 2021). O género masculino também revelou valores superiores de perpetração relacional, enquanto o género feminino demonstrou maiores níveis de violência verbal/emocional. De facto, existem evidências que apontam para uma maior prevalência do género feminino na perpetração deste tipo de violência (Neves et al., 2021; Rey-

Anacona et al., 2022), embora os dados sobre a violência relacional sejam inconsistentes (Borges et al., 2020; Carrascosa et al., 2023). Ambas as formas de violência tendem a ser englobadas sob a classificação mais ampla de violência psicológica, o que pode fomentar essa inconsistência (Bowen & Walker, 2015; CDC, 2020). As diferenças encontradas podem estar enraizadas em fatores socioculturais, normas de gênero e trajetórias desenvolvimentais distintas (Bowen & Walker, 2015; Caridade & Machado, 2013; Reyes et al., 2016). No caso da maior perpetração de violência sexual e relacional praticada pelos rapazes, as normas de masculinidade tradicionais estão associadas aos comportamentos de domínio e controle pelo gênero masculino, o que pode influenciar a forma como os rapazes gerem os conflitos nos relacionamentos (Caridade & Machado, 2013). Por conseguinte, os rapazes podem demonstrar maior resistência em interiorizar mensagens preventivas relacionadas com limites e consentimento, especialmente quando expostos a contextos sociais que minimizam ou normalizam certos tipos de agressão (Reyes et al., 2016). Por sua vez, a maior prática de violência verbal/emocional pelas raparigas pode refletir diferenças nos estilos de socialização e expressão de agressividade, em que, desde cedo, as raparigas são incentivadas a desenvolver maiores competências verbais e sociais (Schoeps et al., 2020). Estas competências favorecem, por um lado, uma maior sensibilidade interpessoal e um desencorajamento de agressividade física, mas, por outro, facilitam o uso de estratégias de resolução de conflitos mais subtis e indiretas, designadamente, manipulação emocional e hostilidade verbal (Dosil et al., 2020). O risco de perpetração aumenta quando as raparigas percecionam o seu relacionamento como um compromisso sério (Psychogiou et al., 2023).

Quanto às atitudes legitimadoras de violência no namoro, os rapazes evidenciaram níveis mais elevados, tanto em relação à violência psicológica quanto à física, comparativamente às raparigas. Este padrão pode refletir influências históricas e socioculturais (Caridade & Machado, 2013; Reyes et al., 2016; Tomaszewska & Schuster, 2021) e, em particular, as normas de gênero tradicionais perpetuadas num contexto patriarcal, como o português, onde papéis dominantes e agressivos são frequentemente associados à masculinidade normativa (Neves et al., 2018). A maior variabilidade encontrada entre os rapazes pode estar relacionada com fatores individuais, nomeadamente, traços de personalidade, experiências prévias no seio familiar ou integração em grupos de pares desviantes, que podem moldar as atitudes legitimadoras (Capaldi et al., 2012).

Os resultados das correlações vêm confirmar padrões teóricos e empíricos previamente identificados na literatura sobre a violência no namoro, traços de personalidade e atitudes legitimadoras. Observou-se uma forte associação entre perpetração e vitimização globais de violência no namoro, indicando uma relação bidirecional entre as duas dimensões. Estes dados corroboram a ideia de que adolescentes envolvidos em dinâmicas violentas frequentemente alternam entre os papéis de perpetradores e vítimas (Carrascosa et al., 2023; Karsberg et al., 2018; Ludin et al., 2017; Piolanti et al., 2023; Taquette & Monteiro, 2019; Tomaszewska & Schuster, 2021; Valdivia-Salas et al., 2022; Yanez-Peñúñuri et al., 2019).

Tal como encontrado em diferentes estudos (Beckmann et al., 2019; Borges et al., 2020; Capaldi et al., 2012; Cava et al., 2022; Fernández-González et al., 2018; Gage, 2016; García-Carpintero-Muñoz et al., 2022; Garthe et al., 2016; Ludin et al., 2017; Mueller et al., 2013; Ybarra & Langhinrichsen-Rohling, 2019), verificou-se uma associação entre perpetração global e atitudes legitimadoras de violência psicológica e física no namoro. Estes dados permitem corroborar que os adolescentes que justificam, aceitam ou toleram comportamentos de violência no namoro tendem a replicar essas mesmas atitudes nos seus relacionamentos, evidenciando uma relação direta entre as suas atitudes e comportamentos. Todavia, não foi encontrada uma relação entre vitimização global e atitudes legitimadoras, o que pode revelar que a vitimização pode estar mais relacionada a fatores contextuais e de vulnerabilidade psicológica (Capaldi et al., 2012; Garthe et al., 2016; Ludin et al., 2017) ou situacionais (Mattson et al., 2021; Schumacher & Slep, 2004; Vagi et al., 2013).

A forte relação entre atitudes legitimadoras de violência psicológica e física revela a coexistência dessas formas de legitimação. Neste sentido, a legitimação de um tipo de violência pode predispor à legitimação de outras formas (Schumacher & Slep, 2004; Vagi et al., 2013), uma vez que são sustentadas por crenças e valores que justificam a violência como estratégia de controlo ou resolução de conflitos no relacionamento íntimo (Fernández-González et al., 2018; Mattson et al., 2021).

Os traços de personalidade também apresentaram relações significativas com a violência no namoro. O neuroticismo surgiu associado positivamente à perpetração e vitimização, dados alinhados com a literatura, uma vez que a instabilidade emocional, impulsividade e vulnerabilidade podem ser facilitadores de dinâmicas violentas (Chen et al., 2024; Hines & Saudino, 2008; Kaighobadi et al., 2009; Ulloa et al., 2016). Em contraste, a amabilidade revelou-se negativamente associada à perpetração, indicando que características

como altruísmo, empatia e confiança podem atuar como fatores protetores contra comportamentos violentos (Hines & Saudino, 2008; Kaighobadi et al., 2009). A ausência de uma associação entre amabilidade e vitimização pode sugerir que este traço possa não ser protetor de os adolescentes experienciarem vitimização de violência no namoro.

Ainda na análise de correlações, registou-se associações negativas entre amabilidade e atitudes legitimadoras de violência psicológica e física, resultados que reforçam que indivíduos mais empáticos, compassivos e cooperantes tendem a rejeitar a violência como aceitável ou como uma forma de resolução de conflitos íntimos (Chen et al., 2024; Ulloa et al., 2016). O facto de não se ter observado uma relação significativa entre neuroticismo e atitudes legitimadoras contraria a tendência da literatura (DeWall et al., 2011; Kaighobadi et al., 2009; Ulloa et al., 2016), mas é consistente com os resultados de Barlett e Anderson (2012), que encontraram uma associação entre neuroticismo e agressão física, mas não com atitudes agressivas. Neste estudo, assim como no dos autores supramencionados, a amabilidade está relacionada tanto com comportamentos violentos, quanto com atitudes legitimadoras de violência. Estas descobertas sugerem que baixos níveis de amabilidade, caracterizados por egoísmo, desconfiança e confrontação, aumentam o risco de comportamentos e atitudes violentas, enquanto elevados níveis de neuroticismo podem favorecer comportamentos violentos pela impulsividade emocional, e não pelo endossamento de atitudes legitimadoras de violência que pressupõem crenças e valores que as sustentem.

A análise hierárquica de regressão revelou que, após o controlo dos traços neuroticismo e amabilidade, as atitudes legitimadoras de violência no namoro contribuíram significativamente para a perpetração, o que reforça a interação entre traços e atitudes no comportamento perpetrador (Hines & Saudino, 2008; Ulloa et al., 2016). No primeiro modelo, os traços de personalidade explicaram 6% da variância da perpetração, com o neuroticismo a surgir como o preditor mais robusto, refletindo a tendência para emoções negativas e reatividade emocional, que podem intensificar respostas agressivas em contexto íntimo (Hines & Saudino, 2008; Kaighobadi et al., 2009; Ulloa et al., 2016). A amabilidade, embora inicialmente significativa, perdeu o impacto com a inclusão das atitudes legitimadoras, o que pode sugerir um efeito indireto ou mediador. Indivíduos menos amáveis tendem a adotar atitudes que legitimem a violência, e, ao serem incluídas no modelo, essas atitudes parecem mediar ou absorver o impacto da amabilidade, explicando a perda de significância de sua contribuição direta para a perpetração (Hines & Saudino, 2008; Kaighobadi et al., 2009). As

atitudes legitimadoras, especialmente as de violência psicológica, revelaram um contributo significativo na explicação da perpetração, ao passo que as atitudes legitimadoras de violência física não mantêm a sua significância. Esta diferença pode refletir a perceção de que a violência física é uma abordagem mais extrema e menos passível de justificação para lidar com conflitos íntimos (Mattson et al., 2021), ao contrário da violência psicológica que, por ser moldada por normas socioculturais mais permissivas, assenta em crenças e valores que a consentem como resolução aceitável desses mesmos conflitos (Capaldi et al., 2012; Cava et al., 2022; Fernández-González et al., 2018; Mueller et al., 2013; Ybarra & Langhinrichsen-Rohling, 2019). Não obstante estas diferenças, a inclusão das atitudes no modelo aumentou a variância explicada para 16%, evidenciando que, para além das características disposicionais dos traços, as atitudes legitimadoras, de natureza sociocognitiva, desempenham um papel preponderante na perpetração da violência no namoro.

Limitações

O presente estudo não encontrou uma relação entre atitudes legitimadoras e vitimização de violência no namoro, sugerindo que, ao contrário da perpetração, que envolve crenças conscientes que reduzem barreiras morais para o uso da violência, a vitimização reflete uma rejeição explícita de comportamentos violentos. No entanto, em contextos de violência, as vítimas podem legitimar comportamentos abusivos do agressor por razões emocionais, financeiras ou situacionais, aspetos não captados pelo instrumento EAVN. Similarmente, a ausência de relação entre neuroticismo e atitudes legitimadoras pode estar relacionada à falta de itens sobre a hostilidade no Mini-IPIP, faceta relevante para a normalização de comportamentos violentos, mas que não foi incluída no desenvolvimento do instrumento.

A predominância de participantes do género feminino (67%) limita a generalização dos resultados quanto às diferenças de género. Além disto, devido ao número insuficiente de participantes em algumas formas de orientação sexual impediu a realização de análises nesta variável, já que restringiria a comparabilidade de grupos e aumentaria o risco de erros estatísticos.

A criação de escalas globais para as atitudes legitimadoras de violência psicológica e física, embora fundamentada pela elevada consistência interna, pode ter reduzido a especificidade quanto ao género do alvo da violência, limitando a identificação de nuances relacionadas às diferenças baseadas no género.

Por último, refere-se o uso do autorrelato. Embora esta abordagem permita um acesso direto às percepções e experiências individuais, está sujeita ao viés da desejabilidade social. Adolescentes tendem a minimizar a perpetração e enfatizar a vitimização, o que se refletiu nos resultados com a perpetração sexual a ser reportada cinco vezes menos do que a vitimização (2.4% vs. 10.7%), podendo, desta forma, distorcer os dados e dificultar a interpretação precisa da relação entre os dois fenómenos.

Implicações práticas

Este estudo contribui para o fortalecimento da literatura teórica e empírica sobre a violência no namoro, sublinhando direções práticas para agentes educativos, psicólogos e profissionais de saúde que trabalhem com adolescentes. A alta prevalência de perpetração e de vitimização de violência no namoro evidencia a necessidade de se implementarem programas de sensibilização e de prevenção em espaços educativos, recreativos e de saúde, na identificação precoce de sinais de violência e intervenções focadas na promoção de comportamentos saudáveis, modelos de relacionamento positivo e no desenvolvimento de competências.

A elevada prevalência de violência psicológica, particularmente nas formas verbais e emocionais, e o papel de destaque conferido às atitudes legitimadoras de violência psicológica pelo seu papel preditor na perpetração expõem a necessidade de se endereçar esta forma de violência. Por um lado, desmistificar crenças normalizadas que fazem com que, muitas vezes, seja percebida como menos grave, mas é frequentemente a porta de entrada para formas mais severas de violência e, por outro lado, trabalhar em estratégias adaptativas, nomeadamente, comunicação assertiva, escuta ativa e gestão de conflitos, de forma a mitigar estes comportamentos e interromper ciclos de perpetração e vitimização. A desconstrução de crenças normalizadas e a promoção de competências poderão ser ferramentas fulcrais, para que profissionais que trabalhem com adolescentes, independentemente do contexto, contribuam para uma maior consciencialização, autorreflexão e alinhamento de atitudes contraditórias, abordando a discrepância evidenciada neste estudo entre a legitimação de atitudes e a prevalência de comportamentos violentos no namoro.

A maior legitimação de atitudes violentas entre adolescentes dos 14 aos 17 anos comparativamente aos de 18 e 19 anos sugere a importância de ações preventivas dirigidas à adolescência média, considerando a menor maturidade cognitiva e socioemocional desta faixa etária. Para agentes educativos, isto pode implicar a integração de temas sobre relacionamentos

saudáveis nos currículos escolares ou espaços educacionais, enquanto para psicólogos pode implicar a criação de programas específicos que estimulem o desenvolvimento socioemocional e promovam reflexões sobre normas sociais e valores associados à violência no namoro.

Apesar de não terem sido objeto de estudo, as diferenças de género observadas, com os rapazes a demonstrarem maior legitimação de atitudes violentas e maior prevalência de perpetração relacional e sexual, enquanto as raparigas demonstram maior perpetração verbal/emocional, reforçam a necessidade de intervenções que possam estar sensíveis ao tema. A abordagem, sobretudo por agentes educativos, acerca de fatores culturais, estereótipos de género e diferenças nos estilos de socialização entre rapazes e raparigas permite aos adolescentes aprofundarem dinâmicas de relacionamentos e a expressividade da violência, associadas a cada um dos géneros, de modo a favorecer o desenvolvimento de relacionamentos baseados no respeito mútuo.

Por fim, os traços de personalidade analisados revelaram que a amabilidade pode atuar como fator protetor de perpetração e o neuroticismo está associado a um maior risco quer de perpetração quer de vitimização. Estas descobertas sugerem a relevância de intervenções, principalmente por psicólogos, na promoção de empatia, sensibilidade interpessoal e cooperação para a prevenção de comportamentos de perpetração de violência. Adicionalmente, sugere a implementação de estratégias que promovam autocontrolo e regulação emocional de forma a reduzir a reatividade e impulsividade associadas às dinâmicas violentas bidirecionais entre jovens.

Parte V – Conclusões e Investigação Futura

Este estudo contribui para uma compreensão mais profunda da violência no namoro entre adolescentes, abordando a sua prevalência e o impacto das atitudes legitimadoras e traços de personalidade neuroticismo e amabilidade. Os resultados revelaram uma prevalência preocupante: quase 60% em ambas as direções da violência. A forma mais comum de violência foi a verbal/emocional, validando a sua centralidade na escalada de outros tipos de violência, incluindo os mais severos. Por outro lado, verificou-se a tendência de discrepância entre atitudes e comportamentos, o que revela que existem mecanismos psicológicos não explorados que podem ser facilitadores. As atitudes legitimadoras de violência no namoro foram mais prevalentes entre os jovens da adolescência média, o que pode ser atribuído ao menor desenvolvimento, maior influência do grupo de pares e menor experiência em relacionamentos amorosos. Quanto ao género, constata-se a tendência para o esbatimento nas diferenças de género quanto à direção da violência, ainda que se verifique ao nível da perpetração maior violência relacional e sexual entre os rapazes e maior violência verbal/emocional entre as raparigas. Este esbatimento não foi verificado nas atitudes, já que há maior legitimação de violência no namoro entre os rapazes comparativamente às raparigas. Estas diferenças podem residir em fatores históricos e socioculturais quanto às normas de género, embora não tenham sido explorados. Nas associações encontradas, os dados trouxeram maior suporte à bidirecionalidade da violência no namoro, pelo que, quando há perpetração de violência no namoro adolescente, também há vitimização. Verificou-se que os traços e atitudes se relacionam com a perpetração, embora com a vitimização de violência no namoro só o neuroticismo é que se relacionou com significância. A relação entre os traços e atitudes revelou-se significativa quanto à amabilidade, mas não quanto ao neuroticismo. Na análise de regressão, constatou-se o maior poder preditivo das atitudes legitimadoras em relação à perpetração de violência no namoro, mesmo após o controlo dos traços. Contudo, a preponderância do neuroticismo e das atitudes legitimadoras de violência psicológica realça o papel interativo entre características disposicionais e sociocognitivas na compreensão da violência perpetrada.

Para investigação futura, recomenda-se a necessidade de compreender que mecanismos psicológicos ou fatores externos poderão estar a contribuir para a discrepância existente entre os dados de prevalência de violência no namoro e atitudes legitimadoras. Estudos qualitativos, como entrevistas ou grupos focais, poderão ser particularmente úteis. No mesmo sentido, a ausência de relação entre vitimização e atitudes legitimadoras de violência no namoro sugere

a necessidade de utilização de instrumentos mais sensíveis para explorar formas subtis de legitimação, como aceitação passiva ou racionalização. Assim como na discrepância entre atitudes e comportamentos violentos, estudos qualitativos poderão ser benéficos. Além disto, estudos experimentais e de cariz longitudinal que averiguem como é que variáveis latentes poderão estar a contribuir tanto para a discrepância entre atitudes e comportamentos violentos, quanto para esta ausência de relação entre atitudes legitimadoras e vitimização, poderão ser outras vias. A ausência de relação entre neuroticismo e atitudes legitimadoras pode revelar uma lacuna potencial no instrumento utilizado. Recomenda-se a utilização de instrumentos mais abrangentes da avaliação dos traços de personalidade, designadamente o NEO-PI-R, no qual se inclui facetas como a hostilidade que é um dos promotores descritos na literatura de legitimação de atitudes violentas. Embora o modelo de regressão hierárquica explique 16% da variância na perpetração, uma proporção significativa permanece por explicar, pelo que a inclusão de outros fatores, nomeadamente, vulnerabilidade psicológica (e.g., autoestima ou estilo de vinculação), influências contextuais (e.g., histórico de abuso ou testemunho de violência parental) e situacionais (e.g., uso de substâncias), em conjunto com as variáveis utilizadas no modelo deste estudo poderão aprofundar o conhecimento e melhor prever a perpetração de violência no namoro. No modelo hierárquico, foi possível averiguar a perda de influência do traço amabilidade enquanto preditor, por isso, recomenda-se explorar o papel mediador/moderador das atitudes entre traços e perpetração em estudos futuros. Para finalizar, recomenda-se uma representatividade amostral mais equilibrada quanto ao género e quanto à orientação sexual, a manutenção das subescalas das atitudes legitimadoras de violência no namoro por género a fim de fornecer maior especificidade analítica, bem como a utilização de métodos complementares de recolha de dados, como heterorrelatos, de modo a triangular a informação e obter uma visão mais compreensiva e com maior precisão sobre as dinâmicas de violência no namoro adolescente.

Referências

- Ajzen I. (2001). Nature and operation of attitudes. *Annual Review of Psychology*, 52, 27–58.
<https://doi.org/10.1146/annurev.psych.52.1.27>
- Allik, J., Laidra, K., Realo, A., & Pullmann, H. (2004). Personality Development from 12 to 18 Years of Age: Changes in Mean Levels and Structure of Traits. *European Journal of Personality*, 18(6), 445–462. <https://doi.org/10.1002/per.524>
- Anderson, A., & Bushman, B. (2002). Human aggression. *Annual Review of Psychology*, 53, 27–51.
- Andrade, A., Bedendo, A., Enumo, S., Micheli, D. (2018). Desenvolvimento cerebral na adolescência: Aspectos gerais e atualização. *Adolescência Saúde*, 15(1), 62-67.
- Antle, B., Karam, E., Barbee, A., Sullivan, D., Minogue, A., & Glover, A. (2020). Intergenerational transmission of intimate partner violence and its impact on adolescent relationship attitudes: A qualitative study. *Journal of Loss and Trauma*, 25(1), 1-21.
<https://doi.org/10.1080/15325024.2019.1634894>
- Anusic, I., & Schimmack, U. (2016). Stability and change of personality traits, self-esteem, and well-being: Introducing the meta-analytic stability and change model of retest correlations. *Journal of Personal and Social Psychology*, 110, 766-781.
- Arain, M., Haque, M., Johal, L., Mathur, P., Nel, W., Rais, A., Sandhu, R., & Sharma, S. (2013). Maturation of the adolescent brain. *Neuropsychiatric disease and treatment*, 9, 449–461. <https://doi.org/10.2147/NDT.S39776>
- Arnett, J. (2013). *Adolescence and Emerging Adulthood: A cultural approach (5th ed.)*. Pearson.
- Avilés, T., Finn, C., & Neyer, F. (2021). Patterns of Romantic Relationship Experiences and Psychosocial Adjustment From Adolescence to Young Adulthood. *Journal of Youth Adolescence*, 50, 550–562. <https://doi.org/10.1007/s10964-020-01350-7>
- Bandura, A. (1977). *Social learning theory*. Prentice-Hall.
- Barlett, C., & Anderson, C. (2012). Direct and indirect relation between the Big 5 personality traits and aggressive and violent behavior. *Personality and Individual Differences*, 52, 870-875.
- Bates, J., Schermerhorn, A., & Goodnight, J. (2010). Temperament and personality through the life span. In R. Lerner, M. Lamb & A. Freund (Eds.), *The Handbook of life-span development* (pp. 208-253). John Wiley & Sons.
- Beckmann, L., Bergmann, M. C., Krieg, Y., & Kliem, S. (2019). Associations between

- classroom normative climate and the perpetration of teen dating violence among secondary school students. *Journal of Interpersonal Violence*. <https://doi.org/10.1177/0886260519888207>
- Blakemore, S., Mills, K. (2014). Is adolescence a sensitive period for sociocultural processing? *Annual Review of Psychology*, 65(1), 187-207. DOI:10.1146/annurev-psych-010213-115202
- Boisvert, S., & Poulin, F. (2016). Romantic relationship patterns from adolescence to emerging adulthood: Associations with family and peer experiences in early adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 45(5), 945–958. <https://doi.org/10.1007/s10964-016-0435-0>
- Borges, J., Giordani, J., Wendt, B., Trentini, C., & Dell’Aglío, D. (2020). Patterns of perpetration and perceptions of teen dating violence. *Psico-USF*, 25(2). <https://doi.org/10.1590/1413-82712020250203>
- Bowen, E., & Walker, K. (2015). *The psychology of violence in adolescent romantic relationships*. Palgrave Macmillan.
- Cao, X., Ji, S. (2024). Bidirectional relationship between self-rated health and the big five personality traits among Chinese adolescents: a Two-wave cross-lagged study. *Humanities and Social Sciences Communications*, 11(200). <https://doi.org/10.1057/s41599-024-02699-x>
- Capaldi, D., Knoble, N., Shortt, J., & Kim, H. (2012). A systematic review of risk factors for intimate partner violence. *Partner Abuse*, 3(2), 231–280. DOI: [10.1891/1946-6560.3.2.231](https://doi.org/10.1891/1946-6560.3.2.231)
- Caridade, S., & Machado, C. (2013). Violência nas relações juvenis de intimidade: Uma revisão da teoria, da investigação e da prática. *Psicologia*, 27(1), 91-113. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v27i1.244>
- Caridade, S., & Machado, C. (2008). Violência sexual no namoro: Relevância da prevenção. *PSICOLOGIA*, 22(1), 77–104. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v22i1.339>
- Carrascosa, L., Ortega-Barón, J., Cava, M., & Buelga, S. (2023). Analysis of the different roles of teen dating violence in peer victimization and aggression. *Behavioral Psychology/Psicología Conductual*, 31(3), 579-595. <https://doi.org/10.51668/bp.8323308n>
- Cava, M., Castillo, I., Buelga, S., & Tomás, I. (2022). Relationships among romantic

- myths, tolerant attitudes toward abuse, and teen dating violence victimization: The moderator role of gender. *Youth & Society*, 1-26.
<https://doi.org/10.1177/0044118X221119235>
- Centers for Disease Control and Prevention [CDC]. (2020). Preventing teen dating violence: What is teen dating violence? https://www.cdc.gov/violenceprevention/pdf/ipv/TDV-factsheet_2020.pdf
- Chen, J., Shi, L., Xiao, S., Zheng, X., Xue, Y., Xue, B., Zhang, J., Li, X., Chen, Y., Wu, Y., & Zhang, C. (2024). The impact of intimate partner violence on depressive symptoms among college students: A moderated mediation model of the big five personality traits and perceived social support. *Journal of Affective Disorders*, 350, 203–213.
<https://doi.org/10.1016/j.jad.2024.01.096>
- Collins, W., Welsh, D., & Wyndol, F. (2009). Adolescent romantic relationships. *Annual Review of Psychology*, 60(1), 631-652. DOI: 10.1146/annurev.psych.60.110707.163459
- Costa, P., & McCrae, R. (2000). *Inventário de Personalidade NEO Revisão* (NEO PI-R; M. Lima e A. Simões, Trad.). Cegoc-Tea. (Obra original publicada em 1992).
- Costa, P., McCrae, R., & Löckenhoff, C. (2019). Personality across the life span. *Annual review of psychology*, 70, 423-448.
- Coutinho, C. (2011). *Metodologia da Investigação em ciências sociais e humanas: Teoria e prática*. Almedina.
- Creswell, J., & Creswell, D. (2018). *Research design: Qualitative, quantitative and mixed methods approaches (5th ed.)*. Sage.
- Cunha, O., Rodrigues, A., Caridade, S., & Cruz, A. (n.d.). *O Inventário dos Conflitos na Relação de Namoro de Adolescentes – Versão Breve (CADRI-S)*. Adaptado do Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory' short form (CADRI-S) de Fernández-González, L., Wekerle, C., & Goldstein, A. L. (2012)
- DeWall, C., Anderson, A., & Bushman, B. (2011). The general aggression model: Theoretical extensions to violence. *Psychology of Violence*, 1(3), 245-258.
<https://doi.org/10.1037/a0023842>
- Dion, J., Hébert, M., Sadikaj, G., Girouard, A., Godbout, N., Martin-Storey, A., Blais, M., & Bergeron, S. (2023). Dating Violence Trajectories in Adolescence: How Do They Relate to Sexual Outcomes in Canada? *Archives of sexual behavior*, 52(7), 2749–2765.
<https://doi.org/10.1007/s10508-023-02625-3>

- Donnellan, M., Oswald, F., Baird, B., & Lucas, R. (2006). The Mini-IPIP scales: Tiny-yet-effective measures of the big five factors of personality. *Psychological Assessment, 18*, 192–203. DOI:[10.1037/1040-3590.18.2.192](https://doi.org/10.1037/1040-3590.18.2.192)
- Dosil, M., Jaureguizar, J., Bernaras, E., & Sbicigo, J. (2020). Teen dating violence, sexism and resilience: A multivariate analysis. *International Journal of Environmental Research and Public Health, 17*(8). <https://doi.org/10.3390/ijerph17082652>
- Downey, L. A., Lomas, J., Billings, C., Hansen, K., & Stough, C. (2014). Scholastic Success: Fluid Intelligence, Personality, and Emotional Intelligence. *Canadian Journal of School Psychology, 29*(1), 40–53. <https://doi.org/10.1177/0829573513505411>
- Đuricová, L., & Poliach, V. (2023). Personality traits and the risky use of social media in Slovak adolescents. *Individual and Society, 26*(1). <https://doi.org/10.31577/cas.2023.01.614>
- Exner-Cortens, D., Baker, E., & Craig, W. (2021). The national prevalence of adolescent dating violence in Canada. *Journal of Adolescent Health, 69*(3), 495–502. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2021.01.032>
- Exner-Cortens, D., Eckenrode, J., & Rothman, E. (2013). Longitudinal associations between teen dating violence victimization and adverse health outcomes. *Pediatrics, 131*(1), 71–78.
- Fernández-González, L., Wekerle, C., & Goldstein, A. L. (2012). Measuring adolescent dating violence: Development of ‘Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory’ short form. *Advances in Mental Health, 11*(1), 35–54. <https://doi.org/10.5172/jamh.2012.11.1.35>
- Fernández-González, L., Calvete, E., & Orue, I. (2018). The role of acceptance of violence beliefs and social information processing on dating violence perpetration. *Journal of research on adolescence, 29*(3), 763-776.
- Festinger, L. (1957). *A theory of cognitive dissonance*. Stanford University Press.
- Foshee, V., Benefield, T., Suchindran, C., Ennett, S., Bauman, K., Karriker-Jaffe, K., Reyes, H., & Mathias, J. (2009). The Development of Four Types of Adolescent Dating Abuse and Selected Demographic Correlates. *Journal of research on adolescence: The official journal of the Society for Research on Adolescence, 19*(3), 380–400. <https://doi.org/10.1111/j.1532-7795.2009.00593.x>
- Frizzirin, A., Demo, H., & de Boer, A. (2023). Adolescents’ attitudes towards otherness: the

- development of an assessment instrument. *European Journal of Special Needs Education*, 38(1), 141-150. <https://doi.org/10.1080/08856257.2022.2037822>
- Furman, W., & Hand, L. S. (2006). The slippery nature of romantic relationships: Issues in definition and differentiation. In A. C. Crouter & A. Booth (Eds.), *Romance and sex in adolescence and emerging adulthood: Risks and opportunities* (pp. 171–178). Lawrence Erlbaum Associates.
- Furman, W., & Rose, A. (2015). Friendships, romantic relationships and peer relationships. In M. Lamb & R. Lerner (Eds.), *Handbook of child psychology and developmental science: Socioemotional processes* (pp. 932–974). Wiley & Sons. <https://doi.org/10.1002/9781118963418.childpsy322>
- Gage, A. (2016). Exposure to spousal violence in the family, attitudes and dating violence perpetration among high school students in Port-au-Prince. *Journal of Interpersonal Violence*, 31(14), 2445-2474. DOI: 10.1177/0886260515576971
- García-Carpintero-Muñoz, M., Tarriño-Concejero, L., Gil-García, E., Pórcel-Galvez, A., & Barrientos-Trigo, S. (2022). Short version of the multidimensional scale of dating violence (MSDV 2.0) in Spanish-language: Instrument development and psychometric evaluation. *Journal of Advanced Nursing*, 1-22. DOI: 10.1111/jan.15300
- Garthe, R., Sullivan, T., & McDaniel, M. (2016). A meta-analytic review of peer risk factors and adolescent dating violence. *Psychology of violence*. <http://dx.doi.org/10.1037/vio0000040>
- Gleitman, H., Gross, J., & Reisberg, D. (2011). *Psychology* (8th ed.). W.W. Norton & Company.
- Handcock, M. S., & Gile, K. J. (2011). Comment: On the concept of snowball sampling. *Sociological Methodology*, 41(1), 367-371. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9531.2011.01243.x>
- Hines, D., & Saudino, K. (2008). Personality and intimate partner aggression in dating relationships: The role of the “big five”. *Aggressive behavior*, 34, 593-604.
- Kaighobadi, F., Shackelford, T. K., Popp, D., Moyer, R. M., Bates, V. M., & Liddle, J. R. (2009). Perceived risk of female infidelity moderates the relationship between men’s personality and partner-directed violence. *Journal of Research in Personality*, 43(6), 1033–1039. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jrp.2009.08.001>
- Karsberg, S., Bramsen, R. H., Lasgaard, M., & Elklit, A. (2018). Prevalence and characteristics

- of three subtypes of dating violence among Danish seventh-grade students. *Scandinavian Journal of Child and Adolescent Psychiatry and Psychology*, 6(1), 16–27. <https://doi.org/10.21307/sjcapp-2018-004>
- Kilford, E., Garrett, E., & Blakemore, S. (2016). The development of social cognition in adolescence: An integrative perspective. *Neuroscience & Biobehavioral Reviews*, 70, 106-120. <https://doi.org/10.1016/j.neubiorev.2016.08.016>
- Kochendorfer, L., & Kerns, K. (2020). A meta-analysis of friendship qualities and romantic relationship outcomes in adolescence. *Journal of Research on Adolescence*, 30(1), 4-25. <https://doi.org/10.1111/jora.12505>
- Krishnakumar, A., Conroy, N., & Narine, L. (2018). Correlates of sex-specific young adult college student dating violence typologies: A latent class analysis approach. *Psychology of Violence*, 8(2), 151-162. <https://doi.org/10.1037/vio0000116>
- Krug, E., Mercy, J., Dahlberg, L., & Zwi, A. (2002). The world report on violence and health. *Lancet*, 360(9339), 1083–1088. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(02\)11133-0](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(02)11133-0)
- Lo, C., Leung, F., Lui, C., & Ng, E. (2022). Predictive effect of extraversion and neuroticism on mental health during the Covid-19 pandemic in Hong Kong: The mediating role of coping strategies. *Psychology*, 13, 1391–1412. <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.4173824>
- Ludin, S., Bottiani, J., Debnam, K., Solis, M., Bradshaw, C. (2017). A cross-nation comparison of risk factors for teen dating violence in Mexico and the United States. *Journal of youth adolescence*, 47(3), 547-559. DOI: 10.1007/s10964-017-0701-9
- Machado, C., Caridade, S., & Martins, C. (2010). Violence in juvenile dating relationships self-reported prevalence and attitudes in a Portuguese sample. *Journal of family violence*, 25, 43-52. DOI: 10.1007/s10896-009-9268-x
- Magalhães, M., et al. (2024). *Violência no namoro em Portugal: Vitimação e conceções juvenis – 2024*. UMAR.
- Marôco, J. (2011). *Análise Estatística com o SPSS Statistics (5ª ed.)*. Report Number.
- Mattson, R., Waters, A., Ortiz, E., Midy, T., & Parker, M. (2021). It's complicated: Incident and observer-level predictors of blame and justification for reciprocated psychological and minor physical violence. *Partner Abuse*, 12(2), 179-204. <http://dx.doi.org/10.1891/PA-2020-0039>
- Mineo, R., Hofstede, A., Newara, R., Abdeltawab, A., Ndungu, F., & Rakhawy, M. (2022).

- Teen dating violence among Italian high school students: A quantitative study on gender differences. *Youth Voice Journal*. Disponível online em: <https://iris.unimore.it/retrieve/0a3b5861-dfaf-465c-b2e7-80674d0ae9d5/Mineo%20et%20al.%20YVJ%202022.pdf>
- Moreno, M., Atri, C., & Lartigue, T. (2023). The body and mind of the adolescent. In J. Maldonado-Duran, A. Jimenez-Gomez & Kirti Saxena (Eds.), *Handbook of mind-body integration in child and adolescent development* (pp. 49-62). Springer.
- Mueller, V., Jouriles, E. N., McDonald, R., & Rosenfield, D. (2013). Adolescent beliefs about the acceptability of dating violence: Does violent behavior change them? *Journal of Interpersonal Violence*, 28(2), 436–450. DOI:10.1177/0886260512454716.
- Muñoz-Rivas, M., Redondo, N., Olmos, R., & Ronzón-Tirado, R. (2022). Intimate partner violence among adolescents: Prevalence rates after one decade of research. *Journal of Adolescence*, 1–11. <https://doi.org/10.1002/jad.12108>
- Nesi, J. (2020). The Impact of Social Media on Youth Mental Health: Challenges and Opportunities. *North Carolina Medical Journal*, 81(2), 116–121. <https://doi.org/10.18043/ncm.81.2.116>
- Neves, S., Cameira, M., & Caridade, S. (2021). Beliefs on marital violence among Portuguese adolescents: Monitoring their evolution and relationship with dating violence. *Violence and victims*, 36(3), 363-380.
- Neves, S., Cameira, M., Machado, M., Duarte, V., & Machado, F. (2018). Beliefs on marital violence and self-reported dating violence: A comparative study of Cape Verdean and Portuguese adolescents. *Journal of Child & Adolescent Trauma*, 11(2), 197–204. <https://doi.org/10.1007/s40653-016-0099-7>
- Neves, S., Correia, A., Rocha, H., Costa, S., & Borges, J. (2023). *Observatório da Violência no Namoro – Resultados de 2017-2022*. Associação Plano i. Disponível online em: <https://drive.google.com/file/d/1Is6pls-ch3At7N3Lx7mfNhl-4V6YObOK/view>
- Norris, J. (2020). Peers, parents, and attitudes about school. *Journal of Human Capital*, 14(2), 290-342. DOI: 10.1086/709507.
- Oliveira, J. (2019). Psychometric properties of the Portuguese version of the Mini-IPIP five-Factor Model Personality Scale. *Current Psychology*, 38, 432-439. <https://doi.org/10.1007/s12144-017-9625-5>
- Ottati, V., Edwards, J., & Krundick, N. (2005). Attitude theory and research: Intradisciplinary

- and interdisciplinary connections. In D. Albarracín, B. Johnson & M. Zanna (Eds.), *Handbook of attitudes* (pp. 707-742). Laurence Erlbaum Associates.
- Pallant, J. (2011). *SPSS Survival Manual: A step by step guide to data analysis using SPSS (4th ed.)*. Allen & Unwin.
- Papalia, D., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2006). *Desenvolvimento humano* (8^a ed.). Artmed.
- Piaget, J. (1972). Intellectual evolution from adolescence to adulthood. *Human Development*, 15(1), 1-12. <https://doi.org/10.1159/000271225>
- Piolanti, A., Waller, F., Schmid, I., & Foran, H. (2023). Long-term Adverse Outcomes Associated With Teen Dating Violence: A Systematic Review. *Pediatrics*, 151(6). <https://doi.org/10.1542/peds.2022-059654>
- Plouffe, R., Wilson, C., & Saklofske, D. (2022). The role of dark personality traits in intimate partner violence: A multi-study investigation. *Current Psychology*, 41, 3481–3500. <https://doi.org/10.1007/s12144-020-00871-5>
- Portugal, A., Caridade, S., Santos, A., Spínola, J., & Sani, A. (2023). Dating Conflict-Resolution Tactics and Exposure to Family Violence: University Students' Experiences. *Social Sciences*, 12(4). <https://doi.org/10.3390/socsci12040209>
- Price, E., Byers, E., & The Dating Violence Research (1999). Attitudes toward dating violence scales: Development and initial validation. *Journal of Family Violence*, 4, 351-375.
- Psychogiou, L., Ahun, M., Geoffroy, M., Brendgen, M., & Côté, S. (2023). Adolescents' internalizing symptoms predict dating violence victimization and perpetration 2 years later. *Development and Psychopathology*, 35(4), 1573–1583. <https://doi.org/10.1017/S095457942200030X>
- Resolução de Conselho de Ministros [RCM] n. 100/2010 de 17 de Dezembro. Diário da República: I série, n.º 243. Disponível online em: <https://files.dre.pt/1s/2010/12/24300/0576305773.pdf> (acedido no dia 3 de Janeiro de 2024).
- Rey-Anacona, C., Acosta, N., Méndez, J., Pacheco, J., & Cortés, L. (2022). Prevalence of dating violence in adolescents of five colombian cities. *Revista Colombiana de Psicología*, 31(1), 93-107. DOI: <https://doi.org/10.15446/rcp.v31n1.86780>
- Reyes, H., Foshee, V., Niolon, P., Reidy, D., & Hall, J. (2016). Gender role attitudes and male adolescent dating violence perpetration: Normative beliefs as moderators. *Journal of Youth Adolescence*, 45, 360-360. DOI: 10.1007/s10964-015-0278-0
- Rothbart, M. (2011). *Becoming who we are: Temperament and personality in development*.

The Guilford Press.

- Saavedra, R., Machado, C. & Martins, C. (2008). *Escala de atitudes sobre a violência no namoro (EAVN)*. Adaptado do Attitudes Toward Dating Violence Scale de Price, Byers & The Dating Violence Research Team (1999).
- Schoeps, K., Mónaco, E., Cotolí, A., & Montoya-Castilla, I. (2020). The impact of peer attachment on prosocial behavior, emotional difficulties and conduct problems in adolescence: The mediating role of empathy. *PLOS ONE*, *15*(1). <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0227627>
- Secretaria Geral do Ministério da Administração Interna (SGMAI). (2023). *Relatório Anual de Segurança Interna de 2023*. Ministério da Administração Interna. Disponível online em: <https://ssi.gov.pt/comunicacao/noticias/rasi-2023/RASI%202023.pdf> (Acedido no dia 10 de Novembro de 2024).
- Schulz, S., Nelemans, S., Hadiwijaya, H., Klimstra, T., Crocetti, E., Branje, S., & Meeus, W. (2023). The future is present in the past: A meta-analysis on the longitudinal associations of parent-adolescent relationships with peer and romantic relationships. *Child development*, *94*(1), 7–27. <https://doi.org/10.1111/cdev.13849>
- Schumacher, J., & Slep, A. (2004). Attitudes and dating aggression: a cognitive dissonance approach. *Prevention science: The official journal of the Society for Prevention Research*, *5*(4), 231–243. <https://doi.org/10.1023/b:prev.0000045357.19100.77>
- Somerville, L. H., Jones, R. M., & Casey, B. J. (2010). A time of change: Behavioral and neural correlates of adolescent sensitivity to appetitive and aversive environmental cues. *Brain and Cognition*, *72*, 124–133.
- Sears, H., Byers, E., & Price, E. (2007). The co-occurrence of adolescent boys' and girls' use of psychologically, physically, and sexually abusive behaviours in their dating relationships. *Journal of Adolescence*, *30*, 487-504.
- Silva, T., Fernandes, F., Santos, J., Almeida, M., Randau, K., & Melo, R. (2023). A complexidade da violência no namoro na fase da adolescência. *Revista Psicologia, Saúde & Doenças*, *24*(3), 1130-1141.
- Straus, M., & Scott, K. (2009). *Gender symmetry in partner violence: The evidence, the denial, and the implications for primary prevention and treatment*. Retrieved from: https://www.researchgate.net/publication/228350210_Gender_symmetry_in_partner_violence_The_evidence_the_denial_and_the_implications_for_primary_prevention_and_treatment

- Streiner, D., Norman, G., & Cairney, J. (2015). *Health measurement scales: A practical guide to their development and use (5th ed.)*. Oxford University Press
- Taquette, S., & Monteiro, D. (2019). Causes and consequences of adolescent dating violence: A systematic review. *Journal of Injury and Violence Research, 11*(2), 137-147. DOI: 10.5249/jivr.v11i2.1061
- Taylor, B., & Mumford, E. (2016). A national descriptive portrait of adolescent relationship abuse: Results from the national survey on teen relationships and intimate violence. *Journal of Interpersonal Violence, 31*(6), 963–988. DOI: [10.1177/0886260514564070](https://doi.org/10.1177/0886260514564070)
- Tetzchner, S. (2023a). *Typical and atypical child and adolescent development 6: Emotions, temperament, personality, moral, prosocial and antisocial development*. Routledge.
- Tetzchner, S. (2023b). *Typical and atypical child and adolescent development 7: Social relations, self-awareness and identity*. Routledge.
- Tharshini, N., Ibrahim, F., Kamaluddin, M., Rathakrishnan, B., & Che Mohd Nasir, N. (2021). The Link between Individual Personality Traits and Criminality: A Systematic Review. *International Journal of Environmental Research and Public Health, 18*(16). <https://doi.org/10.3390/ijerph18168663>
- Tomaszewska, P., & Schuster, I. (2021). Prevalence of teen dating violence in Europe: A systematic review of studies since 2010. *Child & Adolescent Development, 11*–37. DOI: 10.1002/cad.20437
- Ulloa, E., Hammett, J., O’Neal, D., Lydston, E., & Aramburo, L. (2016). The big five personality traits and intimate partner violence: Findings from a large, nationally representative sample. *Violence and victims, 31*(6), 1100-1115.
- Vagi, K., Rothman, E., Latzman, N., Tharp, A., Hall, D., & Breiding, M. (2013). Beyond correlates: A review of risk and protective factors for adolescent dating violence perpetration. *Journal of youth and adolescence, 42*(4), 633–649. <https://doi.org/10.1007/s10964-013-9907-7>
- Valdivia-Salas, S., Lombas, A., Jiménez, T., Lucas-Alba, A., & Villanueva-Blasco, V. (2022). Profiles and teen dating violence in Spain. *Journal of Interpersonal Violence, 38*, 1-26. <https://doi.org/10.1177/08862605221114305>
- Viejo, C., Ortega-Ruiz, R., & Sánchez, V. (2015). Adolescent love and well-being: The role of dating relationships for psychological adjustment. *Journal of Youth Studies, 18*(9), 1219-1236. <http://dx.doi.org/10.1080/13676261.2015.1039967>
- Ward, J., Azzopardi, P., Francis, K., Santelli, J., Skirbekk, V., Sawyer, S., ..., Abdoli, A.

- (2021). Global, regional, and national mortality among young people aged 10–24 years, 1950–2019: A systematic analysis for the Global Burden of Disease Study 2019. *The Lancet*, 398, 1593-1618.
- Yanez-Peñúñuri, L., Martínez-Gómez, J., & Rey-Anacona, C. (2019). Therapeutic intervention for victims and perpetrators of dating violence: A systematic review. *Revista Iberoamericana de Psicología y Salud*, 10(2), 107-121. <https://doi.org/10.23923/j.rips.2019.02.029>
- Yanez-Peñúñuri, L. Y., Rey-Anacona, C. A., & García-Estrada, L. I. (2023). Relationship between Dating Violence and Mental Health of Young Victims and Perpetrators: A Systematic Review. *International Journal of Psychological Research*, 16(1), 126–139. <https://doi.org/10.21500/20112084.5710>
- Ybarra, M. L., & Langhinrichsen-Rohling, J. (2019). Linkages between violence-associated attitudes and psychological, physical, and sexual dating abuse perpetration and victimization among male and female adolescents. *Aggressive behavior*, 45(6), 622–634. <https://doi.org/10.1002/ab.21856>
- Zhao, K., & Ji, W. (2024). The influence of gratitude and personality traits on career resilience and career success among college students. *Frontiers in Psychology*, 15. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2024.1340200>
- Ziliotto, G. C., & Marcolan, J. F. (2020). Compreendendo os preconceitos de indivíduos em sofrimento psíquico a respeito da sexualidade. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 73(2), 1-7. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0270>

Anexos

Anexo A – Consentimento Informado: Versão Pais ou Representantes Legais

**Consentimento Informado, Esclarecido e Livre para Participação no estudo de Investigação –
Versão PAIS ou REPRESENTANTES LEGAIS**

Identificação da Equipa de Investigação: João Rosário, Carla Gouveia, Alda Portugal e Sónia Caridade

Título do estudo: Relações de Intimidade na Adolescência: Estudo exploratório sobre traços de personalidade, atitudes face à violência e sua prevalência

Enquadramento: **Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, da Saúde e do Bem-Estar**

Explicação do estudo: Os objetivos do presente estudo são explorar os traços de personalidade e as atitudes dos adolescentes (14 a 19 anos) face ao namoro e à violência no namoro. Para o efeito, gostaríamos de solicitar a sua autorização para que o/a seu/sua filho/a ou educando/a possa colaborar neste estudo respondendo a um breve questionário (tempo aproximado de resposta de 20 a 30 minutos, não existindo respostas certas ou erradas. O importante é que as respostas expressem o que o/a adolescente pensa, sente ou faz em cada caso).

Finalidade: Os resultados do estudo contribuirão para a sensibilização da temática e literacia no fenómeno violência no namoro juvenil, para a construção de estratégias de intervenção e prevenção mais ajustadas no combate a esta problemática e, ainda, no auxílio aos profissionais que lidam com os adolescentes diariamente, designadamente psicólogos, enfermeiros, médicos e restantes profissionais de saúde.

Condições de participação: A participação do/a seu/sua filho/a ou educando/a no estudo é totalmente voluntária e confidencial. As respostas serão apenas tratadas em termos coletivos para efeitos desta investigação. A qualquer momento, na qualidade de responsável legal, pode exercer o seu direito de retirar o consentimento anteriormente concedido, pedir a correção, modificação, restrição ou eliminação dos dados pessoais do/a jovem adolescente. A informação recolhida será utilizada apenas para o propósito da dissertação de mestrado, e não será retida para outros fins. Os dados serão guardados até à conclusão da dissertação. Posteriormente serão destruídos pela Unidade de Arquivo da Universidade da Madeira. Este estudo foi apreciado pela Comissão de Ética da Universidade da Madeira e pela Comissão de Ética do Serviço Regional de Saúde da Região Autónoma da Madeira (SESARAM). Mais se informa que a recolha e tratamento de dados pessoais, no âmbito do estudo em causa, está de acordo com a legislação em vigor, nomeadamente, a Lei n.º 58/2019 de 8 de agosto, que assegura a execução, na ordem jurídica nacional, do

Regulamento Geral de Proteção de Dados (UE) 2016/679 do Parlamento e do Conselho, de 27 de abril de 2016, relativo à proteção das pessoas singulares no que diz respeito ao tratamento de dados pessoais e à livre circulação desses dados. É-lhe concedido ainda o direito de apresentar uma reclamação à autoridade de controlo de dados pessoais (Comissão Nacional de Proteção de Dados: <http://www.cnpd.pt>).

Se surgirem dúvidas adicionais sobre a participação do/a seu/sua filho/a ou educando/a neste estudo, por favor, contacte a equipa de investigação através do e-mail 2017413@student.uma.pt (João Rosário).

Os investigadores:

João Sancho Sousa Rosário

ALDA Patrícia RIBEIRO PORTUGAL

CONSENTIMENTO INFORMADO

Se aceitar que o/a seu/sua filho/a ou educando/a participe neste projeto de investigação, por favor, coloque um X no quadrado abaixo:

Tomei conhecimento dos objetivos deste estudo e aceito voluntariamente que o/a meu/minha filho/a ou educando/a participe no mesmo.

Assinatura legível e manuscrita: _____

Data: ___ / ___ / ____

Nota: No caso de responsáveis legais com regulação das responsabilidades parentais e acordos no âmbito das Comissões de Proteção de Crianças e Jovens deverá cumprir-se o que ficou regulado.

Anexo B – Consentimento Informado: Versão Participante ou Participante Menor

**Consentimento Informado, Esclarecido e Livre para Participação no estudo de Investigação –
Versão PARTICIPANTE/PARTICIPANTE MENOR**

Identificação da Equipa de Investigação: João Rosário, Carla Gouveia, Alda Portugal e Sónia Caridade

Título do estudo: Relações de Intimidade na Adolescência: Estudo exploratório sobre traços de personalidade, atitudes face à violência e sua prevalência

Enquadramento: **Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, da Saúde e do Bem-Estar**

Explicação do estudo: Os objetivos do presente estudo são explorar os traços de personalidade e as atitudes dos adolescentes (14 aos 19 anos) face ao namoro e à violência no namoro. Para o efeito, gostaríamos de solicitar a tua autorização a fim de colaborar neste estudo respondendo a um breve questionário (tempo aproximado de resposta de 20 a 30 minutos, não existindo respostas certas ou erradas. O importante é que as tuas respostas exprimam o que pensas, sentes ou fazes em cada caso).

Finalidade: Os resultados do estudo contribuirão para a sensibilização da temática e literacia no fenómeno violência no namoro juvenil, para a construção de estratégias de intervenção e prevenção mais ajustadas no combate a esta problemática e, ainda, no auxílio aos profissionais que lidam com os adolescentes diariamente, designadamente psicólogos, enfermeiros, médicos e restantes profissionais de saúde.

Condições de participação: A tua participação no estudo é totalmente voluntária e confidencial. A qualquer momento, podes exercer o teu direito de retirar o consentimento anteriormente concedido, pedir a correção, modificação, restrição ou eliminação dos teus dados. As respostas serão apenas tratadas em termos coletivos para efeitos desta investigação. A informação recolhida será utilizada apenas para o propósito da dissertação de mestrado, e não será retida para outros fins. Os dados serão guardados até à conclusão da dissertação. Posteriormente serão destruídos pela Unidade de Arquivo da Universidade da Madeira. Este estudo foi apreciado pela Comissão de Ética da Universidade da Madeira e pela Comissão de Ética do Serviço Regional de Saúde da Região Autónoma da Madeira (SESARAM). Mais se informa que a recolha e tratamento de dados pessoais, no âmbito do estudo em causa, está de acordo com a legislação em vigor, nomeadamente, a Lei n.º 58/2019 de 8 de agosto, que assegura a execução, na ordem jurídica nacional, do Regulamento Geral de Proteção de Dados (UE) 2016/679 do Parlamento e do Conselho, de 27 de abril de 2016, relativo à proteção das pessoas singulares no que diz respeito ao

tratamento de dados pessoais e à livre circulação desses dados. É-te concedido ainda o direito de apresentar uma reclamação à autoridade de controlo de dados pessoais (Comissão Nacional de Proteção de Dados: <http://www.cnpd.pt/>).

Se surgirem dúvidas adicionais sobre a tua participação neste estudo, por favor, contacta a equipa de investigação através do e-mail 2017413@student.uma.pt (João Rosário).

Os investigadores:

João Sancho Sousa Rosário

ALDA Patrícia Cabral Portugal

CONSENTIMENTO INFORMADO

Se aceites participar neste projeto de investigação, por favor, coloca um X no quadrado abaixo:

Tomei conhecimento dos objetivos deste estudo e aceito voluntariamente participar no mesmo.